



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Artes

Thamires de Lourenzo de Avelar e Silva

Nossa Senhora de Loreto:

Entre festividades e imagens

Rio de Janeiro

2024

Thamires de Lourenzo de Avelar e Silva

Nossa Senhora de Loreto: entre festividades e imagens



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História da Arte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História da Arte Global.

Orientadora: Prof^a. Dra. Tamara Carneiro Quírico

Rio de Janeiro

2024

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

S586 Silva, Thamires de Lourenzo de Avelar e.
Nossa Senhora de Loreto: entre festividades e imagens / Thamires
de Lourenzo de Avelar e Silva. – 2024.
69 f: il.

Orientadora: Tamara Carneiro Quírico.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Instituto de Artes.

1. Loreto, Nossa Senhora de - Teses. 2. Festas religiosas – Igreja
Católica- Teses. 3. Santas cristãs na arte - Teses. 4. Iconografia - Teses.
I. Quírico, Tamara Carneiro. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Instituto de Artes. III. Título.

CDU 7.046.3:282

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum. CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial
desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Thamires de Lourenzo de Avelar e Silva

Nossa Senhora de Loreto: entre festividades e imagens

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em História da Arte, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: História da Arte Global.

Aprovada em 13 de dezembro de 2024.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dra. Tamara Carneiro Quírico
Instituto de Artes – UERJ

Prof. Dr. Reginaldo Rocha Leite
Instituto de Artes – UERJ

Prof^a. Dra. Aldilene Marinho César Almeida Diniz
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca

Rio de Janeiro
2024

DEDICATÓRIA

À meus pais, que sempre me apoiaram em todos os meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

À Deus pela base e força transmitida para minhas conquistas.

À minha orientadora, Prof^a Dra. Tamara Carneiro Quírico, por todo o carinho, paciência, competência, disponibilidade e orientações essenciais para conclusão deste.

Aos meus pais, que me apoiaram desde o início com muito amor, investindo na minha formação e sempre presentes nos momentos árduos, lembrando toda minha trajetória e esforço despendido nas minhas conquistas.

À minha família, por me apoiar durante todo esse processo, entendendo minhas ausências.

Aos meus avôs, por terem me ensinado a nunca desistir dos meus sonhos.

Aos meus colegas orientandos do Grupo de Pesquisa, que com suas colocações, me geraram reflexões que levaram a enriquecer esta pesquisa.

À Prof^a Dra. Evelyne Azevedo, que me acolheu e auxiliou durante o período de Estágio Docência.

Às minhas colegas de Mestrado, que sempre estavam dispostas a discutir os mais diversos assuntos em sala de aula.

À Paróquia Nossa Senhora de Loreto, que abriu as portas para minha pesquisa.

Ao Programa de Pós Graduação em História da Arte (PPGHA), por ter acolhido minha pesquisa e me auxiliado em todo o necessário.

À Equipe do Arquivo Nacional, que me auxiliou na busca de documentos, em especial na figura da Equipe do último turno, sempre prestativa em aguardar o término da pesquisa e garantir a saída em segurança.

À Prof. Dra. Aldilene Marinho César Almeida Diniz e ao Prof. Dr. Reginaldo da Rocha Leite pelo aceite para participar da banca e pelas enriquecedoras contribuições para esta pesquisa.

A todos aqueles que contribuíram de alguma forma, para que esta dissertação fosse concluída.

Se podemos sonhar, também podemos transformar nossos sonhos em realidade.

Walt Disney

RESUMO

SILVA, Thamires de Lourenzo de Avelar e. *Nossa Senhora de Loreto: entre festividades e imagens*. 2024. 69 f. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

O presente trabalho busca entender a dinâmica das festividades católicas, a partir da análise da Festividade de Nossa Senhora de Loreto, que ocorre todo dia 10 de dezembro, na Paróquia e Santuário Nossa Senhora de Loreto, na Freguesia de Jacarepaguá, na cidade do Rio de Janeiro. Esta Festividade é vista pelos praticantes da fé católica como oportunidade de celebrar e homenagear a santa dentro do contexto católico popular e, desde 2019, também eclesial. Para melhor entendimento da questão espacial da celebração, foi necessário, em um primeiro momento, discorrer sobre a formação da Paróquia e início da devoção a esta santa no Brasil. Para falar dos ritos ocorridos durante este tempo festivo, fez-se necessário observar também a importância das imagens dentro das celebrações, uma vez que elas são a representação do santo que está sendo ali homenageado. Por fim, estudar a festividade de Nossa Senhora do Loreto é também compreender a circulação destes modelos, que iniciados na Itália chegam ao Brasil a partir de perspectivas portuguesas. Na busca deste objetivo, tornou-se necessário, principalmente, a fundamentação teórica de Senra (2017), Mello e Souza (2013) e Rosendahl (2018), como referencial para a discussão de comunidades e festividades, e Panofsky (2007) e Stuart Hall (2016) contribuindo acerca das representações e análises das imagens.

Palavras-chave: Nossa Senhora de Loreto; iconografia cristã; festividades; devoção.

ABSTRACT

SILVA, Thamires de Lourenzo de Avelar e. *Our Lady of Loreto: between festivities and images*. 2024. 69 f. Dissertação (Mestrado em História da Arte) – Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

This work seeks to understand the dynamics of Catholic festivities, based on the analysis of the Festival of Our Lady of Loreto, which takes place every December 10th, in the Parish and Sanctuary of Our Lady of Loreto, in the Parish of Jacarepaguá, in the city of Rio de Janeiro. This Festival is seen by practitioners of the Catholic faith as an opportunity to celebrate and honor the saint within the popular Catholic and, since 2019, also ecclesiastical context. To better understand the spatial issue of the celebration, it was necessary, at first, to discuss the formation of the Parish and the beginning of devotion to this saint in Brazil. To talk about the rites that took place during this festive time, it was also necessary to note the importance of the images within the celebrations, since they are the representation of the saint who is being honored there. Finally, studying the festival of Our Lady of Loreto also means understanding the circulation of these models, which began in Italy and arrive in Brazil from Portuguese perspectives. In pursuit of this objective, it became necessary, mainly, the theoretical foundation of Senra (2017), Mello and Souza (2013) and Rosendahl (2018), as a reference for the discussion of communities and festivities, and Panofsky (2007) and Stuart Hall (2016) contributing about the representations and analysis of images.

Keywords: Our Lady of Loreto; christian iconography; festivities; devotion.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1	– Igreja Nossa Senhora de Loreto no século XX.....	18
Fotografia 2	– Altar-mor do Santuário de Nossa Senhora de Loreto.....	19
Fotografia 3	– Altares laterais.....	20
Fotografia 4	– Altares laterais.....	21
Fotografia 5	– Fachada externa do Santuário.....	22
Fotografia 6	– Loretão.....	23
Fotografia 7	– Espaço Externo – Pátio.....	24
Fotografia 8	– Anúncio no Jornal do Commercio.....	33
Fotografia 9	– Anúncio no Jornal do Commercio.....	34
Fotografia 10	– Coroação de Nossa Senhora de Loreto.....	36
Fotografia 11	– Convite aos paroquianos.....	37
Fotografia 12	– Vídeo do Loreto pré-festividade.....	38
Fotografia 13	– Santuário decorado para a recepção dos fiéis no final de semana semana do dia 10.....	39
Fotografia 14	– Imagem de Nossa Senhora de Loreto, na Itália.....	45
Fotografia 15	– Imagem de Nossa Senhora de Loreto, em Portugal.....	47
Fotografia 16	– Imagem de Nossa Senhora de Loreto - Santuário Nossa Senhora de Loreto.....	50
Fotografia 17	– Monumento de Nossa Senhora de Loreto.....	53
Fotografia 18	– Vista de frente do Santuário de Loreto.....	64
Fotografia 19	– Vista de Frente do altar-mor do Santuário de Loreto, na Itália.....	65
Fotografia 20	– Vista Aérea da Basílica de Loreto, na Itália.....	66

Fotografia 21 – Igreja de Nossa Senhora do Loreto, em Lisboa – Exterior .	67
Fotografia 22 – Interior da Igreja de Nossa Senhora do Loreto, em Lisboa..	68
Fotografia 23 – Vista do Altar-mor, Igreja de Nossa Senhora do Loreto, em Lisboa.....	69

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	FORMAÇÃO DA PARÓQUIA E IGREJA NOSSA SENHORA DO LORETO NO RIO DE JANEIRO.....	13
1.1	Conceituação teórica.....	13
1.2	Sobre a imagem de Nossa Senhora de Loreto.....	13
1.3	A formação da Igreja de Nossa Senhora de Loreto.....	16
1.4	Festas católicas.....	26
1.4.1	<u>A festa Della Venuta.....</u>	32
1.4.2	<u>A festividade de Nossa Senhora de Loreto no Brasil.....</u>	33
2	CIRCULAÇÃO DE IMAGENS.....	41
2.1	O que é a imagem para os católicos? Por que o catolicismo é por excelência uma religião de imagens?.....	41
2.2	Análise Iconográfica Católica.....	42
2.2.1	<u>Representação italiana.....</u>	44
2.2.2	<u>A imagem portuguesa.....</u>	46
2.2.3	<u>Os modelos brasileiros.....</u>	49
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
	REFERÊNCIAS.....	58
	ANEXO A -Vista de frente do Santuário de Loreto.....	64
	ANEXO B - Vista de Frente do altar-mor do Santuário de Loreto, na Itália	65
	ANEXO C -Vista Aérea da Basílica de Loreto, na Itália.....	66
	ANEXO D -Igreja do Loreto, Lisboa Exterior.....	67
	ANEXO E -Interior da Igreja do Loreto, em Lisboa.....	68
	ANEXO F -Vista do Altar-mor, Igreja do Loreto, Lisboa.....	69

INTRODUÇÃO

Nesta dissertação será discutida a festividade de Nossa Senhora de Loreto, considerando aspectos históricos da formação da Paróquia e Santuário Nossa Senhora de Loreto no Brasil, a noção de festividades cristãs, a partir do uso das imagens, utilizando a Paróquia e Santuário Nossa Senhora de Loreto, na Freguesia, como principal objeto de estudo, examinando e identificando, também, a circulação das imagens no Brasil, em Portugal, que originou a devoção brasileira, e na Itália, onde se vê o primeiro registro desta representação e devoção.

Considero este um trabalho pertinente à História da Arte, uma vez que a partir desta pesquisa e à luz de Erwin Panofsky (1955), estudo os diversos modelos iconográficos de representação de Nossa Senhora de Loreto, buscando apresentar e entender o trânsito e circulação destes modelos e do aspecto cultural da difusão da fé depositada nesta invocação específica.

O objetivo principal deste trabalho é entender e apresentar as diferentes perspectivas de uso das imagens no contexto cristão, principalmente dentro de festividades e, pensando especificamente nas imagens de Nossa Senhora de Loreto, salientar as mudanças culturais ocorridas na representação e reprodução desta imagem.

Como objetivos específicos desta dissertação, que se divide em dois capítulos, busca-se apresentar o histórico da formação da Paróquia Nossa Senhora de Loreto e sobre as festas cristãs, refletindo sobre o uso das imagens no contexto festivo (Capítulo 1) e considerar a devoção relacionada à Nossa Senhora de Loreto a partir da análise iconográfica das imagens, buscando refletir sobre a circulação de modelos e diferenças iconográficas entre eles (Capítulo 2).

Este trabalho seguiu a partir, de pesquisa e análise de documentos junto ao Arquivo Nacional, também com consultas ao arquivo digital da Igreja do Loreto em Lisboa e à hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, assim como leitura e análise de fontes secundárias, principalmente no capítulo 1.

As fotografias aqui utilizadas, ao apresentarmos a igreja e sua formação, são de autoria própria, originadas nas visitas *in loco*, ou provenientes de redes sociais e sites das igrejas, já que até a presente data, dezembro de 2024, não foi possível realizar fotos de autoria própria em igrejas internacionais.

Como referencial teórico, no primeiro capítulo tomo como base o ideal de comunidade segundo Alvaro de Oliveira Senra (2007), o de catolicismo popular segundo Laura Beatriz de Mello e Souza (2013) e o de Procissão por Zeny Rosendahl (2018).

Para um breve contexto histórico, tomo como base Elena Cristina Deckmann Fleck e Mario Dillmann (2012), Ricardo Souza (2013) e William Martins (2011). Sobre a formação da paróquia e localidade em que está inserida, Maria Celeste Ferreira (2018) e Victor Luiz Alvares Oliveira (2016), G.I. MacDowell dos Santos (1979), festividades católicas e suas dinâmicas, José Maria de Paiva (2000), Tânia Maria Moreno (2023), Flaviano Pereira Reis (2009). Para exemplificar outras festividades, Marcelo Leles Romarco de Oliveira e Vanize Kelli Siviero Romarco (2010).

O segundo capítulo, intitulado “Circulação de Imagens”, é baseado no ideal de representação de Jean-Claude Smitt (2007), para discorrer sobre o uso das imagens, Stuart Hall (2016), visando contextualizar o que é entendido aqui como representação e de Erwin Panofsky (2007) para a análise iconográfica.

Para a contextualização do leitor na dimensão das imagens, são utilizadas descrições das igrejas feitas em Mafalda Boeing (2017) e Alessandrini Nuziantella (2018) e (2014) e em reportagem feita pela Força Aérea Brasileira, em razão da escassez de fontes sobre o Monumento.

Detalha-se a Análise iconográfica católica em razão dos símbolos, através do dicionário de símbolos de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2017) e passagens bíblicas, embora esta não tenha sido diretamente citada. Para discussão da questão cromática, Eva Heller (2015) e Veruska Lima Rangel e Larissa Bezerra de Souza Matos (2023) e para falar das virtudes de Nossa Senhora, Santo Afonso Maria de Ligólio (2013).

Por fim, nas considerações finais, registro dificuldades e questionamentos gerados pela pesquisa.

É válido mencionar aqui que optou-se por manter a grafia original das palavras, já que a maioria dos documentos de época foram encontrados em fontes secundárias, que assim o fizeram.

1 FORMAÇÃO DA PARÓQUIA E IGREJA NOSSA SENHORA DE LORETO

1.1. Conceituação teórica

Para este capítulo o conceito de comunidade será aplicado de acordo com Senra (2007) que afirma: “A ideia de comunidade pressupõe a existência de grupos harmônicos identificados consensualmente com os valores que afiançam um sentimento de pertencimento e referenciam sua continuidade”.

1.2. Sobre a Imagem:

A devoção à Loreto no Brasil, mais precisamente no Rio de Janeiro, começou de forma particular e popular no bairro da Freguesia, a partir de uma representação pictórica de Nossa Senhora de Loreto que supostamente era responsável por muitas graças concedidas aos que por aquela santa clamavam – e foi se expandindo e conquistando fiéis. Hoje em dia, apesar de toda esse alargamento, ainda encontra-se concentrada em seu bairro de origem.

A imagem – o quadro – de Nossa Senhora de Loreto, que primeiro ficou na Igreja, foi a responsável, por meio de favores concedidos ao P. Emanuel de Araújo, pela dedicação do Santuário à Virgem Lauretana. Sendo assim, o Santuário dedicado ao título de Loreto foi um presente a Nossa Senhora como forma de expressar gratidão a graças concedidas. Devoção esta que se espalhou por todos os moradores da Freguesia de Nossa Senhora de Loreto, que sempre recorriam à Santa quando necessitavam de auxílio.

É válido afirmar que o esforço desta dedicação, baseada na concessão de valores para o padre e para a comunidade, tem raiz no catolicismo popular, já que apoia-se no esforço de uma comunidade para que a Santa seja padroeira do templo, tendo seu caráter místico considerado como fator principal para tal decisão.

De acordo com Souza (2013):

O catolicismo popular é uma expressão cultural, além de religiosa, e muda de forma e de posição a partir das transformações ocorridas no contexto cultural mais amplo do qual faz parte. É dinâmico e é historicamente constituído, não sendo necessariamente avesso à modernidade, como alguns de seus estudiosos mais conservadores querem fazer acreditar. Por outro lado, algumas de suas manifestações mais arcaicas sofrem radicalmente o impacto da modernidade, e chegam mesmo a desaparecer sob este impacto, o que não impede que pontes e mecanismos de adaptação sejam criados. (Souza, 2013, p. 6)

Sendo assim, o catolicismo em sua esfera popular é adaptável e mutável e seus ritos e festas seguem o mesmo princípio, perpassando por questões culturais e sociais para além da tradição católica e eclesiástica. Estas sofrem influência dos fiéis que as organizam, levando em conta também impactos econômicos quando são realizadas a partir de doações externas e internas àquela comunidade.

Observando as festas católicas, percebe-se que estas são pensadas e organizadas por cristãos para seus pares, mas que a igreja mantém suas portas abertas para acolher todos que ali chegarem. Os ritos religiosos são um norte, mas o planejamento da festividade, em aspectos como músicas, alimentação e lazer, é único e mutável a cada edição de acordo com a preferência dos participantes daquele ano, desde que dentro do aceitável à vivência religiosa.

Assim como em uma obra a agência do artista é considerada, não se pode colocar as celebrações marianas dentro de uma caixa, estanques, alheias ao seu tempo. Elas são formadas, na maioria das vezes, por indivíduos que não estão alheios à vida cotidiana e que unem nela lazer e amor à figura de Maria.

Fleck e Dillmann discorrem que:

Na América portuguesa, o culto mariano se difundiu a partir do ingresso de colonos devotos da Virgem, tendo, porém, sofrido algumas adaptações, especialmente entre o século XVII e o XVIII. Quando em 1764 a inglesa Jemima Kindersley (1741-1809) – a primeira mulher a registrar suas impressões sobre o Brasil - registrou o cotidiano da cidade de Salvador nas cartas que redigiu, destacou que nas casas das pessoas 'de alguma distinção', os cômodos possuíam paredes brancas decoradas com pinturas da Virgem. Nas igrejas da cidade, Kindersley encontrou estátuas da Virgem "ricamente vestidas", sob os cuidados de padres que mantinham em gavetas "ricos trajes bordados" e "belas joias, com as quais as apreciadas imagens são adornadas nas ocasiões solenes" (França, 2008, p. 43-44 In Fleck e Dillmann (2012, p. 89).

Seguindo o exposto pelas autoras, pode-se considerar a figura de Maria como um dos principais pilares da igreja e da fé católica.

Ao falar do catolicismo em um contexto brasileiro, não se pode ignorar que nessas terras, devido ao misto de culturas e tradições distintas, ocorreu o sincretismo entre

as religiões. Praticantes de outras religiões orquestravam manobras diversas, para que mesmo dentro de um território com uma religião oficial, pudessem continuar de certa forma, exercendo sua fé dentro dos limites católicos. Esse sincretismo alcançava toda a população, sem distingui-la, principalmente quando entendemos as festas e procissões como um ponto da fé cristã que extrapola a mesma, já que possui um tempo próprio e faz com que os indivíduos que ali participam sejam considerados igualitários, como será discutido adiante.

Encontramos em Souza (2013) a descrição de Gilberto Freyre de uma procissão no século XVI:

Primeiro a procissão organizando-se ainda dentro da Igreja: pendões, bandeiras, dançarinos, apóstolos, imperadores, diabos, santos, rabis comprimindo-se, pondo-se em ordem. Pranchadas de soldados para dar modos aos salientes. A frente, um grupo dançando a 'judinga', dança judia. O rabi levando a Toura. Depois dessa seriedade toda, um palhaço fazendo mungangas. Uma serpente enorme, de pano pintado, sobre uma armação de pau, e vários homens por debaixo. Ferreiros. Carpinteiros. Uma dança de ciganos. Outra de mouros. São Pedro. Pedreiros trazendo nas mãos castelos pequenos, como de brinquedo. Regateiras e peixeiras dançando e cantando. Barqueiros com a imagem de São Cristóvão. Pastores. Macacos. São João rodeado de sapateiros. A Tentação representada por mulher dançando, aos requebras. São Jorge protetor do Exército a cavalo e aclamado em oposição a Santo Iago, protetor dos espanhóis. Abraão. Judite. Davi. Baco sentado sobre uma pipa. Uma Vênus seminua. Nossa Senhora num jumentinho. O menino Deus. São Jorge. São Sebastião nu cercado de homens malvados fingindo que vão atirar nele. Frades. Freiras. Cruzes alçadas. Hinos sacros. O Rei. Fidalgos. (Souza, 2013, p. 96)

William de Souza Martins (2011) apresenta ainda um testemunho de Henderson (1821, p. 65) que afirma, com relação às festas cristãs na colônia:

[...] os feriados e as festividades são usualmente acompanhadas por um imenso consumo de pólvora em foguetes, fogos artificiais, etc. Os dias de alguns santos são honrados pela justiça de cada homem que traz o mesmo nome [do santo], encarregando-se do acendimento de fogueiras defronte à sua casa; eu me lembro de acompanhar um amigo [...] na tarde da véspera de São João, quando nós tínhamos alguma dificuldade em conduzir o cavalo através das labaredas e fogos do ar que iluminavam e ocupavam a rua inteira em frente às residências de todos os senhores João". (Martins, 2011, p. 31, traduzido pelo autor)

Com os casos expostos acima, pode-se inferir que o costume de festejar os santos é antigo e intrínseco à prática católica desde os tempos coloniais. Mantendo uma espécie de tradição festiva que funciona como um roteiro, guiando a religião até, pelo menos, os dias atuais – início do século XXI.

Mas para compreender estas dinâmicas, precisamos entender primeiramente

o espaço em que elas acontecem. Pensando nisso, falar sobre a formação da igreja de Nossa Senhora de Loreto é essencial.

1.3. A formação da Igreja de Nossa Senhora de Loreto

Para discorrer sobre a Igreja e Paróquia Nossa Senhora de Loreto é importante mencionar aspectos correlatos a ela, como a criação do bairro da Freguesia e sua distância da Igreja de Nossa Senhora de Irajá, referência para os fiéis das redondezas, já que a zona em que estavam inseridos era subordinada à Igreja de Nossa Senhora da Apresentação. Perpassando pela origem da Paróquia de Nossa Senhora de Loreto e sua arquitetura, e as reformas que esta passou ao longo das décadas de sua existência. Para facilitar o entendimento do leitor, estes tópicos foram agrupados em um maior, nomeado “A Formação da Igreja”.

Para comentar a origem de Jacarepaguá, é importante reconhecer que o bairro surgiu como subordinado à Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação em Irajá. Para Ferreira (2018), “A Freguesia de Nossa Senhora da Apresentação de Irajá era um extenso território de área rural, que incluía a baixada de Inhaúma e as baixadas de Jacarepaguá e Campo Grande” (Ferreira, 2018, p. 3), deixando de ser subordinada somente com a criação da Freguesia de Jacarepaguá, a partir da Capela Curada de Nossa Senhora de Loreto, em 1661, tornando-se assim um bairro próprio.

Como afirma Ferreira (2018), ao citar Fridman (2008):

A freguesia, designação portuguesa de paróquia, é um território submetido à jurisdição espiritual de uma cura que também exerce a administração civil. (...) Trata-se de uma circunscrição eclesial em que se divide a diocese, palavra igualmente de origem grega e utilizada no império romano, que tem o sentido de governo. (Fridman, 2008, p. 2-3 apud Ferreira, 2018 p. 7-8).

Um dado interessante que Oliveira (2016) apresenta é o número total da população de Jacarepaguá, já no final do século XVIII, mesmo século em que a Igreja Nossa Senhora de Loreto foi construída em sua localidade atual. De acordo com a tabela apresentada na página 246, a população total de Jacarepaguá em 1797 era de 2.283 pessoas.

Ainda sobre esta capela, de acordo com G.I. Mac Dowell dos Passos Miranda (1979), citando a obra de Monsenhor Pizarro (1820) como sua fonte, em meados do

século XVII, de 1658 a 1661 esta já existia:

Distando notavelmente da Freguesia de N. Senhora da Apresentação de Irajá, onde habitava numeroso povo, e sendo por esse motivo assaz incomodo recursos dos Santos sacramentos, não só aos que ali residiam, mas aos das terras centrais até à Fazenda de Santa Cruz, foi necessário criar-se uma paróquia, em benefício da Administração do pasto espiritual, com o título de Capela Curada. Para se construir o Templo que servisse à esse fim, doaram o capitão Rodrigo da Veiga e sua mulher, vinte braças de terra em quadra da sua Fazenda de Jacarepaguá, por Escritura celebrada no Cartorio (...) Não tendo efeito a obra da Igreja nessa data, se verificou em terras do Padre Manuel de Araújo, a quem o Santuário Marianno T.10 Liv.3, Til 39 e 41, declarou seu fundador” (Mac Dowell, 1979. p.77-81)

Dessa forma, as terras para construção da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Loreto foram doadas primeiramente pelo Capitão Rodrigo da Veiga e sua esposa, no período de 1658-1660 e correspondiam a vinte braças de terra em sua fazenda, porém a obra não pôde ser realizada.

É então que, em 1664, nas terras do Padre Manuel de Araújo, a Igreja Matriz de Nossa Senhora de Loreto foi construída, tendo seu primeiro vigário em 1665, sendo arruinada em seguida. Em 1667, uma nova edificação foi erguida, onde se localizavam suas ruínas.

Com relação à atual Igreja e Santuário Nossa Senhora de Loreto, foi erguida durante o século XVIII, com obras iniciadas em 1730 e com finalização incerta entre os anos 1764 (Capela-mor concluída) ou 1797 (atual sacristia e altares laterais).

Na década de 1970, o então pároco Padre Sebastião Noronha Cintra, junto ao planejador Monsenhor Guilherme Schubert, promoveu uma restauração, externa e interna, tendo como objetivo a restauração total do Santuário, que se mantém até os dias atuais.

Uma das primeiras fotografias da Igreja é de Augusto Malta, em 1940. Nela, vemos o exterior do Santuário Nacional, na época apenas com uma torre, dado importante para posteriormente entendermos o local onde ocorrem as procissões, datadas, pelo menos, desde 1930. É válido observar que mesmo que a segunda torre tenha sido inserida posteriormente à construção da igreja, esta foi conservada em sua fachada, por questões estéticas.

Fotografia 1 - Nossa Senhora de Loreto no século XX



Autoria: Augusto Malta.1940. Fonte: Acervo digital da Biblioteca Nacional.

O altar-mor foi então restaurado e retomado em sua originalidade: priorizou-se o uso de cores claras, nesse caso o branco, coroamento leve, com resplendor, douramento leve nos ornatos, anjos ao pé do trono alto da imagem de Nossa Senhora de Loreto, nichos laterais no altar, contendo as imagens de São José, à esquerda, e São Sebastião, à direita, mísulas, mesa e as colunas dóricas estriadas; além disso, pode-se citar o retábulo com linhas curvas, verticais e horizontais. Pode-se perceber ainda, a decoração com flores e velas, nos degraus do trono.

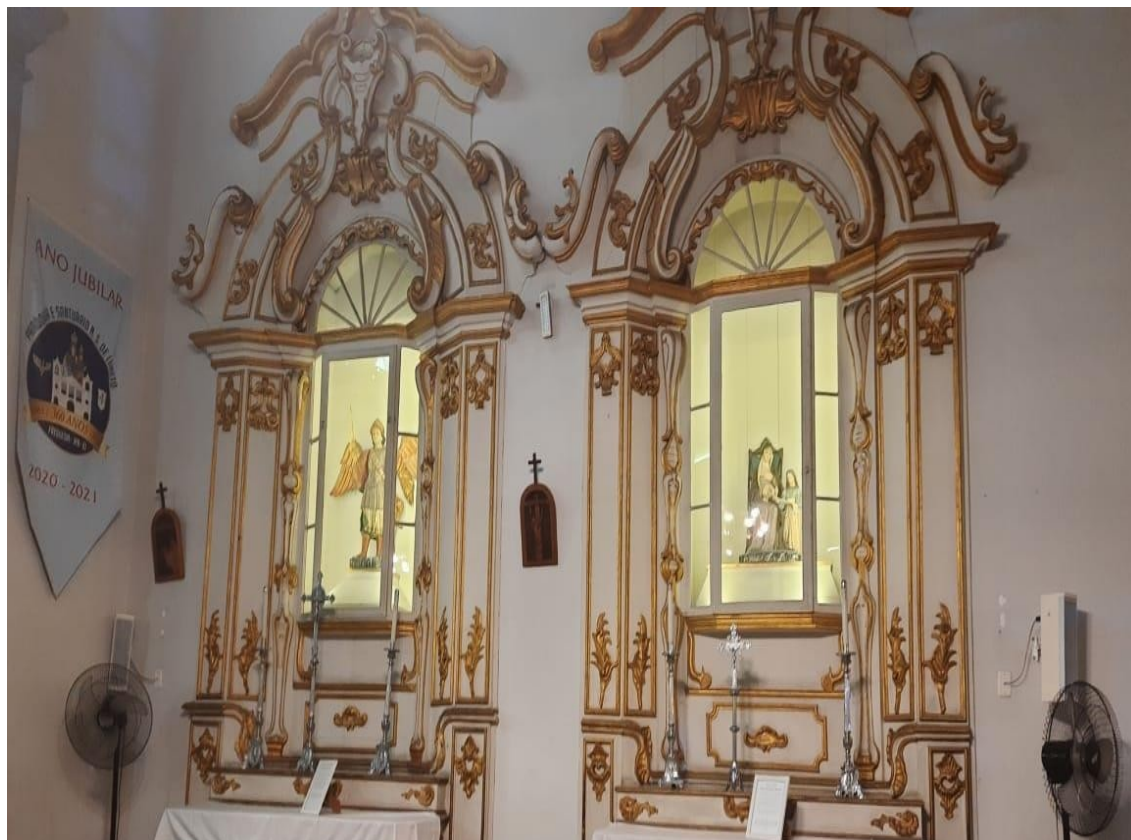
Fotografia 2 - Altar-mor do Santuário de Nossa Senhora de Loreto.



Fonte: Autoria Própria, 2021

Os quatro altares laterais seguem o mesmo estilo com colunas retas, são brancos com ornamentos em ouro, tendo as imagens das santas dentro de um camarim de vidro com detalhamento em branco, sem tronos e mais contidos. No centro do altar, veem-se as imagens de São Sebastião e Nossa Senhora das Dores (à esquerda) e Sant'Ana e Nossa Senhora, quando menina, e São Miguel Arcanjo (à direita).

Fotografia 3 - Altares laterais.



Fonte: Autoria Própria, 2021

Fotografia 4 - Altares Laterais.



Fonte: Autoria Própria, 2021

Fotografia 5 - Fachada externa do Santuário.



Fonte: Autoria Própria, 2021

Quanto à fachada externa, esta possui cor branca e portões azuis, simples, tendo o frontão triangular, portões em formato ovalado, torres sineiras retas encimadas com pináculos e cantarias. Abaixo do frontão, veem-se três janelas retangulares azuis.

Fotografia 6 - Loretão.



Fonte: Autoria Própria.2021.

Fotografia 7 - Espaço externo – Pátio.



Fonte: Autoria Própria, 2021

Além da Igreja e Santuário Nossa Senhora de Loreto, o conjunto arquitetônico da Paróquia Nossa Senhora de Loreto, situado na Ladeira da Freguesia, conta ainda com o “Loretão” – inaugurado em 1984 como um ginásio e em 2006 revertido para templo, onde ocorrem as missas dominicais e grandes celebrações, em virtude de comportar um maior número de fiéis –, um mausoléu e o Centro de Estudos Paroquiais – CEPAR, local reservado a reuniões e catequeses, contando também com uma

capela menor.

É válido mencionar que a Paróquia ainda possui um pátio, com uma lanchonete, que anexo ao CEPAR encontra-se a Escola Municipal Paroquial Nossa Senhora de Loreto e, ao subir um pouco mais a Ladeira da Freguesia, em frente, existe um acesso à Igreja Nossa Senhora da Penna. A associação Amigos de Betânia, unidade Loreto, também se localiza próximo ao Santuário, ao lado do Salão Zaccaria.

Para explicar a importância que a Igreja e Santuário Nossa Senhora de Loreto tem para seu entorno, precisa-se considerar também a Paróquia e a comunidade lauretana.

Quando foi criada, a Igreja tinha por objetivo fazer com que a população de Jacarepaguá, que já era extensa, não desistisse de seus sacramentos, uma vez que a Igreja de Nossa Senhora da Apresentação, igreja principal dos distritos de Irajá, era distante e tal fato fazia com que fiéis desistissem de manter-se em dia com seus sacramentos, que são vistos como essenciais dentro da doutrina cristã católica. É, desde sua criação, um importante local para as festividades católicas da Freguesia e de Jacarepaguá e foi palco de eleições na década de 1880.

De acordo com G.I Mac Dowell dos Passos Miranda, a partir de 1921, padres Barnabitas começam a servir a Igreja e ao assumir sua direção, trazem consigo três atividades como assistência social e religiosa, a difusão da doutrina católica, a catequese e a alfabetização e instrução dos paroquianos. O convento dessa congregação no Rio de Janeiro também se localiza no Loreto, longe dos olhos públicos.

Sendo assim, a criação da Paróquia Nossa Senhora de Loreto foi um esforço coletivo da comunidade, mas, ao escolher uma invocação-mãe para aquela igreja, a selecionada foi Nossa Senhora de Loreto, já particular àquele padre e logo, pároco, já que suas terras abrigaram este novo templo.

Tendo isso em vista e considerando que grande parte do então orçamento para a criação da Paróquia veio da comunidade, é válido observar que esse esforço coletivo teve origem na necessidade de reconhecimento e manutenção de costumes que foram inseridos na cultura brasileira a partir da colonização portuguesa e tidos como corretos ou “de bem” por uma parcela da população, que foi assim ensinada e assim disseminou sua fé, em detrimento do reconhecimento das alteridades, necessidade

de afirmação constante e de se manter ativo na fé. E nesse embrulho de tradições também se inserem as festividades, tópico que está apresentado a seguir.

1.4 Festas católicas

O calendário Litúrgico oficial apresenta cerca de 25 festas católicas, mas este número pode ser ainda maior, já que pode haver diferença entre o calendário oficial e a devoção popular.

Mas o que são festas? Festas, no sentido amplo do termo, são “Eventos que reúnem muitas pessoas, em espaço público ou privado, com programação de lazer, a fim de celebrar uma data especial ou homenagear alguém” (Michaelis online, s/d).

Considerando a definição acima citada e aplicando-a para o contexto religioso, festas religiosas seriam eventos que reúnem muitos praticantes para celebrar um fato ou figura daquela prática, em espaço público ou privado, com opções de lazer.

As festividades católicas são entendidas por aqueles que seguem tal religião como uma maneira de celebrar os santos em momentos específicos. Essas, por sua vez, estão previstas em um calendário litúrgico e podem ter várias configurações: geralmente são acompanhadas de procissões, romarias, músicas e missas. Também podem, no terreno das igrejas que as realizam, ter barraquinhas com venda de comidas e artigos religiosos, como forma de angariar fundos para as igrejas, paróquias ou até mesmo grupos de movimentos e pastorais que ela sedia.

Segundo Souza:

Festas católicas possuem um sentido intimamente ligado à celebração da renovação. Celebra-se o renascimento da vida, que triunfa sobre o mal a partir de Cristo. E não apenas elas: a renovação e a vitória da luz sobre as trevas são temas usuais em festas religiosas. Combinam-se, são representadas de forma simbólica das mais diferentes maneiras e estruturam diversas festas cristãs. (Souza, 2013, p. 8)

É nítido que religiões também são espaços de negociações e contratos sociais. Dessa forma, todos os ritos da igreja, incluindo festividades santas, são frutos de costumes e normas de uma certa sociedade. Para a festividade acontecer, é necessário investimento emocional, físico e financeiro, que na maior parte do tempo surgem da comunidade para a paróquia e vice-versa. Assim, esses agentes dependem entre si e a Festividade não pode existir sem os mesmos em sua

completude.

Paiva (2000) descreve como ocorre uma festividade, se referindo a festividades realizadas para santos no século XVII:

A festa era grande: havia músicas, salmos ou canções devotas: faziam-se galantarias, divisas; levavam-se grinaldas na cabeça, diademas de penas; havia foguetes, “tiros de espingarda e de câmara”. Os principais pegavam às varas do pálio, vestidos à portuguesa, ou regiam a procissão. Juntavam-se na Aldeia, onde se realizava a procissão, os cristãos das Aldeias vizinhas, com a sua correspondente cruz alçada. (...) No dia consagrado aos patronos das Aldeias, na fundação das confrarias ou festa dos seus patronos, à chegada de relíquias ou inauguração de relicários, em batismos ou comunhões solenes, nas missas novas, ereção ou visitas de aldeias, havia sempre procissão festiva. (...) Repique dos sinos, fogo de artifício, cavalcadas, teatros, atos públicos dos estudantes, frondagens e flores, sermão, confissões, missa cantada. (Paiva, 2000, p. 10)

Embora os aspectos citados anteriormente sejam mais gerais acerca dos ritos e festividades católicas, é válido afirmar que, salvo as devidas proporções, a maioria destes aparece na festividade lauretana e em sua devoção.

Entendendo que o período colonial brasileiro teve grande influência católica, lugares de prática religiosa também eram lugares de sociabilidade.

Antes de entrarmos na questão devocional da procissão, é importante definir este aspecto conceitualmente.

Zeny Rosendahl afirma que:

A procissão é um ato de culto externo em que se manifestam com mais exuberância o sentimento religioso e a devoção popular; ela se destaca como o momento mais importante de uma festa religiosa na cidade ou durante uma romaria ao santuário visitado. As solenes procissões são práticas devocionais católicas impostas, ao longo do período colonial, como estratégia de conversão pelo clero (...) (Rosendahl 2018, p. 383).

A autora aponta ainda, que “a procissão foi e é um exercício da devoção que une sacerdotes e população num ritual que melhor concretiza o simbolismo de comunhão religiosa, cultural e social no espaço” (Rosendahl 2018, p. 390).

Sendo assim, a procissão seria uma manifestação cultural, política e social tradicional da religião católica. É uma oportunidade de uma comunidade se unir em prol de uma ação em comum, uma espécie de sociabilidade dentro destes espaços, manifestar sua vontade religiosa, reconhecer a importância de seus rituais e de perpetuá-los para as próximas gerações, também sendo agentes de conversão religiosa.

Para Souza:

“Festas católicas possuem um sentido intimamente ligado à celebração da renovação. Celebra-se o renascimento da vida, que triunfa sobre o mal a partir de Cristo. E não apenas elas: a renovação e a vitória da luz sobre as trevas são temas usuais em festas religiosas. Combinam-se, são representadas de forma simbólica das mais diferentes maneiras e estruturam diversas festas cristãs.” (...) então, as festividades cristãs seriam um simbolismo da luz da religião em relação às religiões pagãs (Souza, 2013, p. 8).

Então, considerando as definições citadas acima, as festividades são celebrações católicas que têm um lado renovador, mas também político e social. De professar a fé e devoção, pedir e agradecer, mas também de socializar, formando redes de relacionamentos que estarão unidas em um ponto comum. A festividade é o dia em que a paróquia lota, podendo também funcionar enquanto vitrine para possíveis interesses políticos e evangelizadores.

Ainda, considerando a noção de festas de acordo com Beatriz Catão em seu artigo “O Episcopado e as festas na cidade do Rio de Janeiro no Século XVIII: O veto aos batuques” (2020, p.485), entende-se que “A festa (...) pode ser definida como uma atividade social agradável, expansiva, com características rituais, que tem uma correlação importante com a organização do tempo (...).”

Desta forma, o lado social das festividades católicas é evidenciado, mantendo também seus aspectos ritualísticos, que perpassam e ajustam o tempo católico. Nesta mesma linha, podemos considerar também o compartilhar destes ritos e momentos como parte fundamental da cultura cristã.

O catolicismo em sua esfera popular é adaptável e mutável e seus ritos e festas seguem o mesmo princípio. Fábio Fonseca (2017, p. 69). explica: “Os rituais dentro de um local de culto cristão são realizados com o uso de um conjunto de objetos que são manipulados, desempenham funções e possuem significados nesse universo” Assim, todos os objetos e pessoas que estão ali envolvidos possuem seu papel dentro dos ritos da comunidade – no caso desta dissertação, dentro das festas ocorridas em um contexto litúrgico e devocional, seguindo a essência durkheimiana de religiosidade.

As festividades católicas são entendidas pelos fieis e membros da comunidade, como uma maneira de homenagear os santos em celebrações específicas.

Em certos aspectos, os festivais de todos os santos se parecem. São todos eles anunciados à noite na véspera, por foguetes e pelo toque dos sinos à

tarde.

Durante a festa, quer dure um ou nove dias, ouve-se frequente foguetório. A cera é consumida em grande quantidade de velas conservadas acesas diante de diferentes altares, de mistura com flores artificiais e outras decorações. Grande carinho é dedicado ao adorno das igrejas, tanto de dia como de noite [...] Algumas vezes, por ocasião desses festivais, levanta-se um palco na igreja, ou ao ar livre, onde se realiza uma espécie de representação dramática, para diversão dos espectadores; outras vezes realiza-se um leilão (Kidder e Fletcher, 1941, p.162/163 In: Moreno, 2023).

Algumas das ações descritas acima, tal qual as representações dramáticas, leilões e foguetórios, são parte de uma religiosidade popular.

A religiosidade popular era uma forma de se aproximar de certa sobrenaturalidade, utilizando amuletos como intermediários.

Este tipo de religiosidade era em parte realizada em meio às festividades, celebrações que eram momentos de honrar os santos a quem elas pertenciam, sendo também uma grande oportunidade de sociabilidade. Elas são reflexos sociais de uma sociedade e de uma religião que não passava necessariamente pelo crivo eclesiástico, mas eram formas de manter a prática cristã.

As festas religiosas são ainda forma de o homem sair de seu dia-a-dia, pois segundo Reis (2009, p. 179), “a festa reflete uma imagem ou trajetória de uma vida distinta daquela que ela realmente é”, sendo assim, seria uma válvula de escape da vida social.

A festa seria então dotada de outra realidade, outro tempo, uma maneira de todos se reunirem por um objetivo em comum: o de celebrar datas festivas, numa perspectiva – mais ou menos – igualitária. Esta seria capaz ainda de gerar um imaginário onde as distinções sociais, raciais e de gênero, teoricamente, não importariam.

O uso das imagens dentro das festividades cristãs é um dos elementos mais importantes, considerando que a festividade é uma homenagem aos santos; a imagem, assim, é usada em procissões, missas, novenas, espaços e objetos dedicados à santa. Devotos se põem aos pés destas imagens para agradecer, as decoram, as reproduzem e as vestem, quando necessário .

As imagens são representações dos santos, mas para alguns fiéis, são o santo em si. Esta visão vai contra a doutrina da igreja, entendendo igreja aqui enquanto instituição formal e política que rege parte das normas do catolicismo, uma vez que esta visão de imagens extrapolando a mera representação de algo e não o algo em si

e iconodulia exagerada, beirando a idolatria e iriam contra a doutrina cristã, pois feririam o mandamento mais importante da religião.

Lê-se na Bíblia que “não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem embaixo na terra, nem nas águas debaixo da terra.” (Êxodos, 20, 3-4). Sendo assim, esse entendimento das imagens como os próprios santos, e não apenas meras representações, seria uma heresia, altamente condenável institucionalmente, mas nesse ponto, existe uma diferenciação entre a teoria, o catolicismo eclesiástico, e a prática, que nesse caso, entra como um aspecto do catolicismo popular.

As imagens são homenageadas em honra aos santos, e para celebrá-las utilizam-se de aspectos da doutrina cristã, como missas, novenas e sacramentos, mas também de aspectos da religiosidade comum, como o pagamento de promessas e contato físico com a imagem, sendo uma das maiores honras possíveis neste momento.

Oliveira e Romarco (2016) expõem que:

Assim, essas festas incluem muita fé, atos religiosos, danças e produção de comidas típicas, entre outros aspectos. As famílias entrevistadas declararam que nessa época os povoados ou comunidades rurais que realizam essas festas são mais visitados por parentes e amigos moradores das áreas urbanas das cidades e de outras localidades. Nesse contexto é possível citar os festejos religiosos do catolicismo tradicional, como as folias, que são importantes para a integração desses grupos. São marcadas por foliões que cantam pedindo a benção das divindades e acompanham o alferes até o local do cruzeiro para, em seguida, montar seus animais e sair para o demorado giro, cada folia numa direção. Durante o giro, os foliões devem preparar as cantigas de rodas e catiras que vão cantar e dançar nas casas visitadas e em que a folia pernoita. Essas danças e ladainhas, como hoje as conhecemos, trazem em suas raízes o passado longínquo, a ancestralidade dos povos de caráter comunitário e gregário – que praticam dança e o canto como comunhão e transcendência. (Oliveira e Romarco, 2016, p. 78).

Em seu artigo, Oliveira e Romarco (2016), discutem a festa do Divino Espírito Santo em um contexto rural. Esta, em um dos casos analisados teria surgido do cumprimento de uma promessa feita por uma fiel e seria realizada com a ajuda de toda a comunidade local, com danças, banquetes, procissões e festejos.

Compartilho ainda do sentimento dos autores quando estes afirmam:

Acreditamos que esses festejos, nessas regiões, contribuem para reavivar memórias e estreitar laços, mediante elementos simbólicos e culturais revelados nos encontros, danças, cantos e crenças, aproximando cada guardião, festeira, labardista, alferes, mestre-sala, tocador e devoto e exaltando a excelência das relações humanas, o convívio social e o sentimento de pertencimento a um grupo (Oliveira e Romarco, 2016, p. 91).

A festividade é o momento em que a comunidade de fieis que a celebra cria memórias, heranças e se une em prol de um principal objetivo em comum: homenagear o santo que rege aquela festividade, agradecer pelas graças concedidas e pedir algum auxílio.

Já Chianca (2007) entende que:

As comemorações religiosas relativas ao São João (ou ciclo junino) brasileiro que se inicia na véspera do dia de santo Antônio (12 de junho) e se estende até o dia 29 do mesmo mês (dia de São Pedro). O São João é festejado nos dias 23 e 24, véspera de e dia do santo. O São João é uma festa coletiva na qual uma comunidade estreita sua identidade através de símbolos e práticas que reafirmam este pertencimento. A dimensão e a extensão da rede social é o que garante o sucesso da festa. Esse aspecto grupal e identitário é o elemento que permite que essa festa seja considerada por muitos migrantes residentes nas grandes cidades como a ocasião para um retorno às suas localidades de origem tal ponto que quando se aproxima o São João “alguns trabalhadores preferem se demitir a ter recusados alguns dias de férias”(...). Mas as festas juninas de então não se limitavam aos rituais oficiais católicos: durante esse período certos serviços da cidade ferriavam por causa da festa, como o jornal ele mesmo, que suspendia duas edições dos dias 13 e 23 de junho. A festa profana acontecia também em paralelo à festa oficial da Igreja e ocupando espaços sociais diferentes. Era freqüente que os fiéis passassem desta última à primeira, logo que terminavam os ofícios.(...)As festas aos três santos de junho cresceram em importância em Natal durante as décadas seguintes, ultrapassando os lugares de culto tradicional e alcançando as ruas, nas quais as procissões se tornavam acontecimentos cada vez mais importantes. Nos anos 30, além dos rituais religiosos voltados ao santo Antônio, já conhecido em 1934 como ‘santo casamenteiro’, a Igreja se engajava em festas caritativas. Para São João Batista se celebravam tríduos, missa e uma procissão com a bandeira do santo nas ruas dos bairros tradicionais: Cidade Alta e Ribeira. Aos poucos o São João passa a designar o conjunto do ciclo junino, que vai se chamar “festas de São João”. (Chianca, 2007, p. 50-54)

A autora ainda expõe:

Até os anos 1980 a Igreja seguiu sua fórmula de quermesse numa relação tensa entre padres e organizadores de outras festas populares sem vínculos com a Igreja, que eram consideradas excessivamente ‘mundanas’ pelos primeiros. ”. (Chianca, 2007, p. 55)

E a importância de investimento fica exposto em:

Com a expansão dos arraiais ao longo dos anos 1990 e até 2018, a participação crescente da Prefeitura e dos investidores privados nas festas populares, o aspecto religioso do São João pôde resistir graças ao relativo sucesso das quermesses da Igreja: assim o culto aos santos no mês de junho resistiu paralelamente aos arraiais laicos, publicidades, comércio e concursos diversos. Para São Pedro, a procissão marcava o ponto culminante das suas celebrações, mas seu prestígio se atenuou com o passar dos anos; mesmo se sua data não constituísse feriado. É interessante perceber que com o

crescimento de certos arraiais, as festas de quermesse atraem um público saudoso de festas mais familiares e de público restrito. Foi assim que a paróquia de São João decidiu reabilitar sua programação festiva em 1997 – depois de 25 anos de suspensão – aproximando o litúrgico e o lúdico numa missa a céu aberto e fogueira oficial acesa em solenidade com a benção do pároco. Tudo isso festejado com fogos de artifício e apresentação de grupos folclóricos. Essa programação particularmente conciliatória com a face laica da festa combinava uma procissão e um arraia em frente à igreja de São João, concertos de forró, barracas de jogos e venda de produtos, cujos benefícios eram integralmente revertidos à Igreja. Até 2001 essa paróquia vinha organizando uma programação combinando sempre duas vertentes paralelas: a ‘religiosa’ e a outra ‘sócio-cultural’. As festas de São João e sua relação com a Igreja são um tema sensível à grande maioria do clero natalense, que procura o equilíbrio entre a expectativa popular (religiosa e lúdica) e os aspectos litúrgicos formais da Igreja. (Chianca.2007, p. 56-58)

A partir desta noção geral de festividades e seus modelos, pode-se pensar nas festividades relativas à Nossa Senhora de Loreto: a Festa della Venuta, na Itália e a Festa de Nossa Senhora de Loreto, no Brasil.

1.4.1 A Festa della Venuta:

Para o povo italiano, as celebrações – chamadas de Festa della Madonna Di Loreto ou Festa della Venuta, dedicadas à santíssima Virgem – têm seu início em 1617, por iniciativa de um frade capuchinho chamado Fra Tommaso. Oficializada em 1624 e comemorada entre os dias 9 e 10 de dezembro, os ritos que a compõem são: uma vigília entre a noite do dia 9 e o dia 10.

Nela, se acendem grandes fogueiras para encontrar o caminho para Santa Casa. Quando elas estão baixas, se jogam fogos de artifício e palitos de fósforo e atravessam o fogo saltitando nove vezes. Existem também missas solenes e peregrinações à Loreto, local onde se encontra a Santa Casa, que é o local central dessa festividade.

Em 29 de Novembro de 1632, a Festa da Translação da Santa Casa foi aprovada pela Sagrada Congregação dos ritos, mas a “venuta” é festejada popularmente desde 1592.

A “Festa della Venuta” é uma festa italiana devotada à Nossa Senhora de Loreto, também conhecida como “Festa del Passaggio”, celebrada para comemorar a ida da Santa Casa à Loreto. Acontece na noite dos dias 9 e 10 de Dezembro (Dia de Nossa Senhora de Loreto), baseada em tradições e devoções populares. Os fieis

Fotografia 9 - Anúncio da Festividade no Jornal do Commercio



Fonte: Hemeroteca digital, 1930

Anualmente, a Paróquia e Santuário de Nossa Senhora de Loreto realiza no fim de semana do dia 10 de Dezembro a “Festa da Padroeira”. Este é um evento religioso que conta com a presença de milhares de fiéis.

Assim que dezembro se inicia, começam os preparativos espirituais e técnicos para o Dia de Nossa Senhora de Loreto. Além da solenidade da santa, realizada em missa anualmente no dia 10, os nove dias antecessores contam com uma novena, realizada no Santuário, antes da missa diária. Nela, a cada dia é contemplada um dos aspectos de proteção da Santa. Este aspecto é abençoado após o fim do ato. Sendo Loreto o título que representa a Translação da Santa Casa - onde, segundo a Bíblia, Jesus nasceu.

No primeiro dia, é realizada a bênção dos pais, no segundo, mães, nos seguintes, catequistas, religiosos e religiosas, casais, noivos e namorados, jovens, famílias, idosos, crianças, grávidas e aqueles que desejam engravidar, das carteiras de trabalho e profissionais da saúde (em razão da pandemia) respectivamente, e, finalmente, no 10º dia, das Chaves da Casa daqueles que estiverem presentes.

Nossa Senhora de Loreto é a responsável pela família, pelo lar, pelo ensino de Jesus, protetora das grávidas e do trabalho.

Caso os devotos queiram, podem se consagrar ao título de Nossa Senhora de Loreto neste dia.

Com relação à Festividade em si, esta é realizada no final de semana do dia 10 (às sextas, a partir das 18 h até às 23h, e aos sábados e domingos, de 8 às 22h)

e conta com barraquinhas de vendas de quitutes e bebidas, música ao vivo - com apresentação de grupos da comunidade, com música tradicional - danças, carreatas e procissões.

A maioria dos fiéis se programa para ir apenas em um dia, mas aqueles que trabalham, vão para acompanhar seus amigos que estão trabalhando ou são devotos fervorosos, costumam comparecer os três dias. Coincidência ou não, os momentos pós missas Dominicais (sábado à noite, domingo na hora do almoço e domingo à noite) se mantêm como os mais cheios.

Nos momentos de festa, o Santuário se mantém aberto para receber relatos, bênçãos e visitas. Fazendo jus ao título de Padroeira dos Aviadores, toda a movimentação do dia 10 é acompanhada pela Aeronáutica, em missas, cantos e segurança da Imagem durante a carreata.

Nesta imagem abaixo, vê-se a coroação da Virgem Lauretana. Percebe-se que esta escultura foge aos padrões de representações italianos, mas ao contrário da imagem que está no altar do Santuário apresenta as cinco chagas de cristo, assim como a imagem italiana. Essa está a frente de um coração de rosas, colocado ali para simbolizar o momento.

Fotografia 10 - Coroação de Nossa Senhora de Loreto.



Autoria : PASCOM. Fonte: @nsloreto

A equipe de Padres, diáconos e coroinhas, se portam com as vestes festivas. Foi tirada do lado externo do Santuário, no pátio, no momento anterior à Missa Solene de Nossa Senhora de Loreto.

Abaixo, vê-se uma postagem de convite para a comunidade, postado nas redes sociais da paróquia.

Fotografia 11 - Convite aos paroquianos.



Autoria :PASCUM. Fonte: @nsloretto

Abaixo, vê-se parte do vídeo-convite postado nas redes sociais (Stories do Instagram) para a comunidade. Nele, vê-se o pátio da Paróquia já decorado para tal, o logo do Santuário e as datas e horários da festa da Padroeira, que é organizada pela paróquia e apoiada pelos fiéis, que investem nela, com doações de alimentos, decorações e financiamentos. Vê-se também parte do palco, onde artistas da comunidade se apresentam.

Fotografia 12 - Vídeo do Loreto pré festividade.



Autoria: Pascom. Fonte: @nsloreto.

Na imagem abaixo, vê-se o altar-mor já decorado para a recepção dos fiéis, no final de semana do dia 10.

Fotografia 13 - Santuário decorado para a recepção dos fiéis no final de semana do dia 10.



Autoria: Pascom. Fonte: @nsloreto.

Nele, ocorrem também os dias de novena, realizada no Santuário, entre os dias 02 e 10 de dezembro.

Assim como a festividade para um fiel é a maneira de honrar um santo, a forma com que se dá a representação iconográfica católica dele representa muito da maneira com que artistas e encomendantes, no caso de Loreto, a comunidade, enxergam o tema e a obra.

O fazer artístico é uma combinação entre a bagagem cultural e formativa do(s) artista(s) que a realizaram e o(s) desejo(s) dos encomendante(s). Ao dedicar uma igreja a um santo cristão, sua escultura é destinada ao altar-mor, o que a garante destaque na imaginária da igreja. A representação da santa, aos olhos daqueles que a idealizaram, sendo assim, também é uma honraria, sendo pensada a partir do ideal máximo de beleza, para aqueles que estão inseridos em sua criação .

Vale a pena mencionar também que as festividades cristãs se desenvolvem a partir das imagens. Na medida em que elas estão ali inseridas como forma de representação dos santos a que querem celebrar ou agradecer (Lima, 2015), a dinâmica da celebração de Nossa Senhora de Loreto, por exemplo, perpassa por entender a dimensão e quantidade das imagens que estão condicionadas para o uso. No caso da festa brasileira, a imagem que é usada nas procissões e carreatas é a imagem retirada da Igreja Matriz. Já a coroada na missa solene, é a própria do espaço e utilizada no templo Loretão para este fim.

É importante relembrar ainda que o dia 10 foi escolhido por ser o dia em que a imagem italiana retorna para o santuário italiano, sendo reconhecido posteriormente como o dia internacional da santa.

A festividade existe, enquanto data, em razão da imagem e estas suprem as demandas de ritos ocorridos dentro deste contexto. Desta forma, é possível pensar uma correlação entre estes dois aspectos.

Falar das festas cristãs é falar de imagens e para falar destas, é importante descrevê-las, entendendo o contexto em que estão inseridas e seus modelos. A partir deste aspecto, serão realizadas, no tópico seguinte, considerações acerca das imagens e seus contextos.

2 CIRCULAÇÃO DE IMAGENS

Neste capítulo, apresentarei o ideal de imagem para os católicos e utilizando o conceito de representação de Stuart Hall (2016) , análise iconográfica em Panofsky (2007) e a perspectiva de imagens de Jean-Claude Schmitt (2007), discutirei os modelos de representação de Nossa Senhora de Loreto, a circulação destes modelos e possíveis origens, perpassando pelo contexto em que estão inseridas.

2.1 O que é a imagem para os católicos? Por que o catolicismo é uma religião de imagens?

A imagem na religião católica, para além de seu uso narrativo, voltado para o aprendizado da fé cristã, e os usos ornamental, devocional, reflexivo e sacro, funciona como uma representação do santo a que se está rezando e pedindo a intercessão.

Primeiramente, é importante considerar para esta discussão um dos principais dogmas da doutrina cristã: a encarnação, ponto central da história da salvação. Nela, Deus se faz homem por meio de Cristo, enviando-o para salvar a humanidade. Ele seria ainda a imagem e encarnação de Deus na Terra, por meio do Espírito Santo, assim, iniciando também a noção de Santíssima Trindade.

E, utilizando a bíblia como fonte, lê-se em Gênesis 1,26: “E disse Deus: façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra.” (Gênesis, 1, 26, Bíblia Online, s/d)

Para discutir acerca destas imagens, pode-se utilizar ainda Jean-Claude Schmitt (2007) que afirma:

“Todas as imagens (...) tem sua razão de ser, exprimem e comunicam sentidos estão carregadas de valores simbólicos, cumprem funções religiosas, políticas ou ideológicas, prestam-se a usos pedagógicos, litúrgicos e mesmo mágicos. (...) participam plenamente do funcionamento e da reprodução das sociedades presentes e passadas. (Schmitt,2007, p.11)

Segundo o autor, o termo “imagem” é a forma que Deus nomeia o homem. Segundo a fé católica ainda, este seria feito a sua imagem e semelhança.

Sendo assim, Jean-Claude entende que a produção destas imagens perpassa por uma região de dissemelhança entre o homem e o divino. Para o autor, estas funcionariam ainda como mediadoras entre a humanidade e Deus, estando articuladas em “Dois polos: de um lado, a universalidade de referência cristã, de outro, o locus particular, a igreja particular, a igreja Paroquial, o lugar de peregrinação, a cidade que se dedica ao seu santo patrono e ao culto das imagens.

Desta forma, as imagens funcionariam como mediadoras, na tentativa da humanidade chegar mais próximo do plano divino. Para além dessa função, as imagens também são reconhecidas como uma tentativa humana de reproduzir a perfeição divina.

É também, junto com a tradição oral, um dos principais meios de evangelização e representação.

Mas o que é a representação? Para Hall (2016), representação pode ser entendida como:

“I - Representar algo é descrevê-lo ou retratá-lo, trazê-lo à tona na mente por meio da descrição, modelo ou imaginação; produzir uma semelhança de algo na nossa mente ou em nossos sentidos. II - Representar também significa simbolizar alguma coisa, pôr-se no seu lugar ou dela ser uma amostra ou um substituto.(Hall, 2016, p.32).

Sendo assim, as representações iconográficas de Nossa Senhora de Loreto não precisam ser idênticas, fidedignas à primeira, italiana, mas precisam ter elementos simbólicos que representem seus atributos e elementos.

2.2. Análise Iconográfica Católica

Para a análise das obras, seguiremos o modelo de Panofsky (2007) que divide esta em três etapas, que podem ser entendidas como: a descrição, a análise e a interpretação das mesmas.

Para o autor, a iconografia se define como: "o ramo da história da arte que trata

do tema ou mensagem das obras de arte em contraposição à sua forma." (Panofsky, 2007, p. 47). E esta teria 3 níveis:

O primeiro, também conhecido como primário ou natural é a identificação das formas por si mesmas, as configurações de cor e material, por exemplo, que representam aspectos visíveis, percepções de qualidades emocionais, como o gesto, pose ou atmosfera. Entendo como a fase de percepção, ou seja, o entendimento que a obra está ali posta. Sendo reconhecida também como análise pré-iconográfica.

O segundo, chamado secundário ou emocional seria a interligação dos elementos com os conceitos e assuntos da obra. Segundo o autor, ainda "Motivos reconhecidos como portadores de um significado secundário e emocional, podem ser chamados de imagens" (Panofsky, 2007, p.50-51). Sendo a identificação destes motivos a análise iconográfica propriamente dita.

O terceiro, chamado significado intrínseco ou conteúdo infere que é determinado pelos " princípios básicos de uma nação" (Panofsky, 2007, p. 52), ou seja, depende de um arcabouço cultural e pessoal, para que o indivíduo consiga se relacionar com a obra de maneira a identificá-la em sua totalidade.

Vale a pena mencionar também que, a meu ver, este é o ponto mais subjetivo, por depender dos conhecimentos prévios de cada grupo ou indivíduo. Alguém que não teve contato com a doutrina cristã ou religiosa, por exemplo, não reconheceria a imagem de Nossa Senhora e até mesmo os católicos que não conhecem Nossa Senhora de Loreto podem ter dificuldade de entender a qual invocação as imagens presentes nos altares das igrejas a ela destinada representam.

Ao analisar uma obra não se pode excluir a importância da escolha cromática que a compõe. As cores, cientificamente, são produzidas quando ondas de luz são refratadas ou refletidas e geram estímulos baseados em seu matiz, intensidade e saturação e se formam a partir de padrões de representação, que são adotados socialmente e são fonte diferenciadora e de designação social, sendo assim, a representação das cores perpassa por todo um aspecto cultural e social que por vezes é minimizado.

De acordo com Matos e Rangel (2021) a cor tem uma realidade sensorial, ou seja, ela gera reações físicas e emocionais em um indivíduo, podendo levar até a uma proposta de comportamento mental e físico.

A cor é um símbolo de uma sociedade, uma forma de linguagem e, como todo símbolo, sua qualidade e significado provém de sua utilização.

Com estes pontos expostos, pode-se adentrar a discussão acerca das representações.

2.2.1 Representação italiana

Esculpida em Cedro do Líbano e datada de 1922, esta imagem é uma réplica da imagem original – destruída em um incêndio – e fica localizada no altar-mor do Santuário Internacional de Loreto, mas também esteve presente no Louvre, entre os anos 1797 – pós-invasão napoleônica na Itália – e 1801, quando retornou a Loreto.

O local em que está inserida é uma basílica, monumental (Ver Anexos A a C), que foi construída ao redor da Santa Casa, entre o século XV e o XVII, com contribuições de vários artistas, e apresenta em seu interior, diversas capelas.

A capela do crucifixo, de Biagetti, apresenta o cristo crucificado, a capela francesa apresenta telas feitas em Paris por Lameire e com demais adornos sendo parte de oferta de católicos franceses; a capela eslava, com pinturas de Biagetti, Estanislau de Witten e vitrais de Moretti.

A capela americana é de Beppe Steffania e apresenta passagens da vida da virgem; A capela alemã, com pinturas de Ludovico Seitz e vitral de Moretti, foi decorada por esforço dos fieis alemães; a polaca (também conhecida como do Sagrado coração) é do povo polonês, sendo financiada também por eles, tendo a participação de nomes como Artur Gatti, com representações de Nossa Senhora e santos poloneses.

A capela dos Duques de Urbino foi encomendada por Guibaldo e Francesco della Rovere, na segunda metade do século XVI; a capela espanhola, ou de São José, foi decorada entre 1886 e 1890, tendo doação de devotos espanhóis. Nela, trabalharam nomes como Modesto Faustini, Luigi Stella, Gonçalves de Castilla e Eugênio Maccagnani. O espaço também já abrigou telas de Lorenzo Lotto e tem motivações em São José e na Sagrada Família.

A capela suíça (de Joaquim e Ana) foi encomendada por católicos suíços, com obras artísticas de Carlo Donatti.

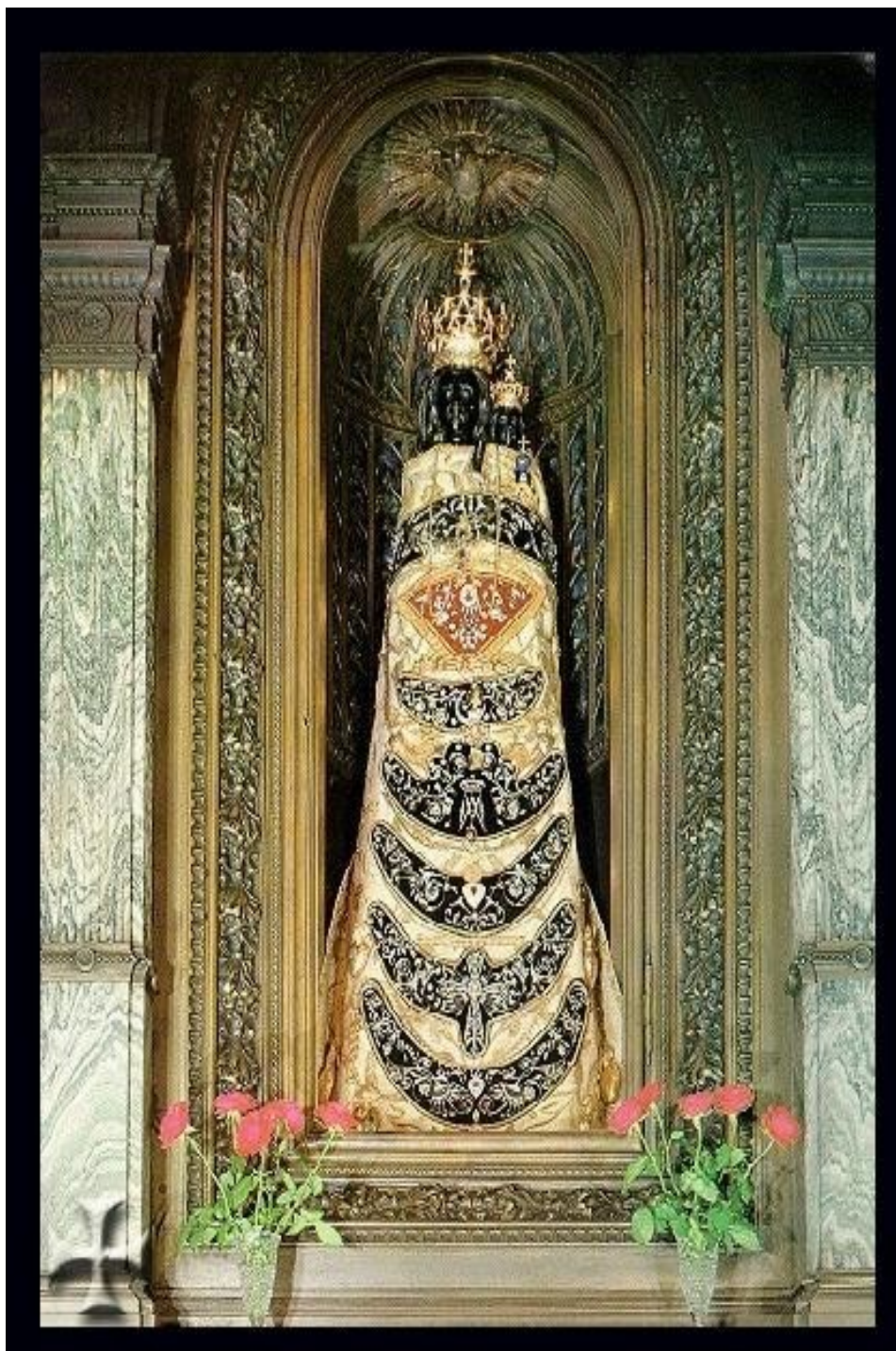
Para além das capelas, um dos nomes que foi ali de extrema importância foi Lorenzo Lotto, que produziu inúmeras obras para a Basílica, de 1552 a 1556, quando,

ali, faleceu.

É uma basílica altamente adornada, fonte de referência para todos os fiéis desta invocação. Sendo assim, a Imagem presente no altar-mor, cuja autoria não pôde ser encontrada, conversa com os demais adornos e obras presentes no local.

Nela, vê-se representados todos os atributos de Nossa Senhora de Loreto.

Fotografia 14 - Imagem de Nossa Senhora de Loreto, na Itália.



Autoria: Santuário Internacional de Nossa Senhora de Loreto, s/d. Disponível em: <https://www.santuarioloreto.va/it/storia/la-basilica-e-il-palazzo-apostolico.html>. Acesso em: nov. 2024

O atributo principal de Nossa Senhora de Loreto é o Menino Jesus, que sai de seu manto. O triângulo vermelho envolto em dourado simboliza a paixão e as chagas, seu sacrifício. As duas coroas que vemos em suas cabeças são demonstrativas de majestade. Os sete corações em chamas são equivalentes às dores de Nossa Senhora. A mão direita do menino Jesus normalmente está em sinal de benção e a esquerda apoia o globo terrestre, simbolizando que é sua força que move o mundo e a cruz, simboliza o terço.

O branco remete ao aceite, à proteção, à medida, à pureza, à humildade, à inocência, à juventude e ao nascimento, dentre muitos outros, mas todas também referentes às qualidades desta mulher na Bíblia e principalmente ao aceite de Nossa Senhora ao Anjo Gabriel, a que a invocação faz referência.

Já o vermelho, remete ao episódio da paixão de Cristo, uma vez que esta tonalidade representa a paixão, o amor, o sangue e a violência, aspectos que podem ser observados no episódio

Já o prata, presente no globo terrestre, remete à riqueza e à elegância e o ouro, em seu douramento, terços, cruz e coroas, à riqueza, prosperidade e grandeza. Segundo a fé católica tradicional, Maria seria a rainha dos céus, a maior dentre todas as mulheres.

A tonalidade da Imagem é dada pelo Cedro de Líbano, uma madeira escura. O que fez esta invocação ser apelidada de “A Virgem Negra” por aqueles que a visitavam.

2.2.2 A imagem portuguesa

Feita de Cedro de Líbano e pertencente à Igreja do Loreto, em Lisboa (Anexos D a F), a imagem portuguesa é entendida pelos portugueses como cópia da imagem italiana. Parte dos atributos se repetem, como por exemplo o menino Jesus e outros são representados com as contas dos terços.

Foi inspirada na italiana, mas em um contexto mais afetivo, de necessidade de afirmação de uma comunidade italiana que se formava em Lisboa. Sendo assim, foi esculpida com o mesmo material que a anterior, mas apresenta detalhes em ouro, que, ao mesmo tempo que reconhecem a importância da Santa, é um material abundante no século XVIII e serve também como forma de afirmação de riqueza da comunidade em si.

Fotografia 15 - Imagem de Nossa Senhora de Loreto, em Portugal.



Autoria desconhecida. Fonte: Igreja do Loreto.pt, s/d. Disponível em: <https://www.igrejadoloreto.pt/>

Nela, se mantêm os tons do Cedro de Líbano, com uso abundante de douramentos. O uso de ouro remete à riqueza, prosperidade e grandeza. Segundo a fé católica tradicional, Maria seria a rainha dos céus, a maior dentre todas as mulheres.

No interior das contas, vê-se ainda tonalidades de vermelho e azul. O azul representa a fé, a espiritualidade, o contentamento, a lealdade, paz, tranquilidade, calma, estabilidade, harmonia, a unidade, confiança, conservadorismo, segurança, limpeza, ordem, céu...dentre outros aspectos, que podem ser relacionados a virtudes

de Nossa Senhora (Santo Afonso Maria de Ligólio, 2013)

Já o vermelho, visto no interior do coração nas representações italiana e monumental brasileira, representa a paixão, o amor, o sangue e a violência, aspectos que podem ser observados durante a paixão de Cristo, por exemplo.

A igreja em que esta se insere é a Igreja do Loreto, também apelidada de Igreja dos italianos, em Lisboa. Surgida de um esforço coletivo dos mercadores italianos que queriam edificar uma igreja, oferecendo o terreno que compraram à Igreja de São João, em Latrão.

Quanto à construção da igreja, o nome responsável pelo padroado edificação da capela-mor – onde se encontra o altar-mor –, é Luca Giraldi e sua edificação, Confalonieri. Segundo Alessandrini (2014), nos desenhos de edificação da Igreja:

O altar-mor cuspidado estava levantado sobre um altar abalaustrado, e continha três grandes pinturas centinates. Na parede direita da capela-mor abriam-se duas janelas, assinaladas por Confalonieri no seu desenho: uma de propriedade da confraria (*fenestra/ della/ compagnia*), e uma de propriedade de Luca Giraldi (*fenestra/ pregiu/ditiale/ del Gi/raldi/ e guarda sopra/ l'altar maggiore*). Esta janela sobre o altar - mor abria -se numa sala rectangular (esta também, segundo Confalonieri, entregue a Giraldi), em parte sobreposta à capela de Santa Caterina. Para além disso, na nave principal sobre a entrada da capela de Santa Caterina (ao nível da imposta da abóbada de berço), abria -se uma segunda janela “usurpada” à igreja pelos Giraldi, que dava para a mesma sala (*fenestra/ che guarda/ il corpo della/ Chiesa*). Desta sala “leiga” os Giraldi podiam assistir à missa através de duas janelas: a que dava sobre o altar-mor, e a que estava situada acima da capela de Santa Caterina, que abria sobre a nave principal. (Alessandrini, 2016, p. 60).

A Igreja edificada por Filippo Terzi é monumental e decorada, mas ainda foi pensada para refletir a vontade de seus investidores, mercadores italianos ricos, possuindo assim, muito ouro em seus ornamentos, inclusive na imagem supracitada. Documentos do Arquivo Vaticano mostram que a Igreja em questão era amplamente decorada, com talhas em ouro e azulejos portugueses. A nave é alta e abobadada e a Igreja tem dentre suas pinturas, telas de Tiziano. Também foi pensada para ser um local de acolhimento para aqueles comerciantes italianos e genoveses, que lá viviam. Em meados do século XVII, mais especificamente, 1651 a Igreja sofre um incêndio e é completamente destruída, sendo reconstruída com base no testemunho de Sebastião de Sá e Menezes.

Desta forma, a imagem que ali está disposta e rege este edifício religioso, é baseada na memória que seus fieis, no caso, segundo Alessandrini (2014) o senhor Sebastião de Sá e Menezes.

A memória é subjetiva. A forma com que as informações são processadas depende da bagagem cultural do indivíduo, sendo assim, manter a reconstrução de uma capela-mor, do altar-mor e da Imagem de Nossa Senhora de Loreto no testemunho de indivíduos é uma questão complexa.

A imagem que está lá hoje é a releitura de uma imagem incendiada, com base nas lembranças de um fiel. Sendo assim, até o presente momento, o que regiu a Igreja do Loreto após-incêndio foi a mera confiança, na descrição de um fiel, descrição esta que por mais fidedigna que fosse, não será idêntica a imagem original ali disposta pré-incêndio, pois sua compreensão da Imagem está impregnada com suas visões de mundo, sentimentos e impressões sobre o objeto, não podendo ser, assim, uma descrição literal da anterior.

Se considerarmos que, segundo fontes brasileiras, o que deu origem à presença dessa devoção no país foi um quadro trazido de Portugal no Século XVI - o qual infelizmente não foram encontrados registros iconográficos até o momento, e foi também destruído em um incêndio anos depois - este fator demonstra também a fragilidade dos modelos iconográficos lauretanos e suas diferenças.

2.2.3 Os modelos brasileiros

O modelo Brasileiro de Nossa Senhora de Loreto, como expressado em tópicos anteriores, é inspirado em um quadro – cujos registros ainda não foram encontrados – que veio de Portugal. O quadro teria vindo no momento da pré-edificação da paróquia, sendo minimamente, do século XVI, sendo também pré-incêndio na Igreja do Loreto.

Vale mencionar também que em 1664 a igreja brasileira é alvo de um incêndio, o que transforma suas edificações em ruínas e sua nova sede tem sua construção finalizada no final do século XVIII, época em que o ideal palaciano está em alta.

A igreja passa então por diversas modificações e após sua restauração, retoma estes primeiros traços. Desta forma, pode-se afirmar que a imagem que ali está é a imagem restaurada e próxima à que estava na Igreja no final do Século XVIII, que segue o que foi imaginado por uma população de fiéis que investiu naquele templo. Resultando em uma imagem como a disposta a seguir.

Fotografia 16 - Imagem de Nossa Senhora de Loreto - Santuário Nossa Senhora de



Loreto

Autoria: PASCUM, s/d. Fonte: <https://www.loreto.org.br/>

A Imagem brasileira de Nossa Senhora de Loreto é inspirada no quadro português que seu primeiro padre e benfeitor, Padre D. Manoel trouxe de Portugal. É similar às representações que estão nas paredes da Igreja, porém, uma vez que este quadro não pôde ser encontrado, não se pode ter certeza que foi dali inspirada.

Esta imagem fica localizada no altar-mor do Santuário, que possui cores claras e é adornado levemente, buscando ser acolhedor para o fiel. As principais cores desta representação são o azul e o rosa, além de adornos dourados.

O manto de Nossa senhora é azul-claro e o mundo, segurado pelo menino, azul escuro. Em estudos de psicologia das cores, temos que o azul representa a fé, a espiritualidade, o contentamento, a lealdade, paz, tranquilidade, calma, estabilidade, harmonia, a unidade, confiança, conservadorismo, segurança, limpeza, ordem, céu...dentre outros aspectos, mas os que foram acima citados, remetem, em sua totalidade, a figura de Maria dentro dos ensinamentos católicos. Refletindo, desta forma, sua serenidade, lealdade e confiança nos propósitos divinos.

Já o rosa, presente nas vestes do menino Jesus, remete ao amor, à inocência, à leveza, delicadeza e feminilidade. Todos aspectos de Nossa Senhora e que podem ter levado à escolha Cromática brasileira.

Parte dos atributos se repetem, como por exemplo as contas dos terços, similar à parte da imagem portuguesa.

É importante mencionar, também, o monumento à Nossa Senhora de Loreto, de 3,20 de altura, que foi executado durante o Jubileu Lauretano e pensado enquanto uma homenagem para a santa, cuja imagem tem 1,80m de altura. Feito aos moldes da Madonna Peregrina (do Santuário de Loreto, na Itália), graças à visita da Imagem ao Brasil neste período, e também uma forma de agradecimento dos fieis da Força Aérea Brasileira. Ele fica localizado na parte externa do santuário, no CEPAR, onde acontecem festas, reuniões, aulas e atividades de evangelização, tendo ampla circulação de fieis. É uma imagem em resina fibrada, tendo seu molde originalmente de argila.

De acordo com o Dicionário de Símbolos de Chevalier e GheerBrant (2015) a representação do Manto simboliza a sabedoria, sendo símbolo daquele que o veste; o mundo (que é segurado pelo menino Jesus), é:

O simbolismo do mundo, com os seus três níveis, celeste, terrestre, infernal, corresponde a três níveis de existência ou a três modos da atividade espiritual. A vida interior é assim projetada no espaço, seguindo o processo geral de formação de mitos (v. constelações*, paraíso*). Esses mundos situados em espaços imaginários definem-se uns em relação aos outros: o mundo de baixo sob o mundo de cima, passando pelo mundo intermediário. Apenas essa linguagem e essa localização segundo um eixo vertical bastam para inscrever tais mundos em um movimento com uma dialética de ascensão, que acentuam sua significação psíquica e espiritual. Do mundo de cima, o mundo intermediário recebe a luz, que pára nele e não desce ao mundo de baixo; mas ele não a recebe a não ser na medida de seu desejo, de sua abertura ou de sua orientação”(Chevalier e GheerBrant 2015, p. 624).

A mão de Cristo, segundo os mesmos autores, é um símbolo da ação diferenciadora. No caso de Loreto, estando a do menino Jesus estendida em posição de bênção, para abençoar aquela comunidade.

As chagas de Cristo representam, segundo a fé católica, os sinais de martírio e amor de Cristo, pois representam, segundo a fé católica, o momento em que Cristo se doa em prol da humanidade. Nesta passagem, Maria está próxima a ele, sendo assim, as chagas em seu manto, podem representar também esta dor.

Vale lembrar que esta invocação é uma das que representa Maria em seu papel materno.

A Santa Casa de Nazaré, que deu origem a ela, é onde , segundo o cristianismo, Maria recebe do Anjo Gabriel a notícia que gerará o filho de Deus, além de ser seu abrigo.

Ainda, no verbete mãe, os autores explicam:

A Mãe de Deus, na tradição cristã, é a Virgem Maria, que concebe Jesus por obra do Espírito Santo. Ela exprime uma realidade histórica, não é um símbolo nos dogmas da Igreja católica. O fato é duplamente significativo, a saber, a virgindade não exclui uma maternidade muito real e por outro lado, a possibilidade de Deus fecundar a criatura independentemente das leis naturais. Esse dogma coloca igualmente em relevo o enraizamento direto do Cristo na natureza humana de sua Mãe e na natureza divina de seu Pai: nada faria ressaltar de melhor forma a Encarnação do Verbo, a unidade da pessoa em duas naturezas (Chevalier e Gheerbrant, 2015, p. 580)

Sendo assim, as iconografias da Virgem Maria, e mais ainda a de Loreto, por ser uma das invocações que remetem ao lado maternal da representada, serviriam como representações maternais e de reflexo não só de uma doutrina, mas de vivências particulares, na medida que todos os indivíduos foram gerados de alguma forma por uma mulher e mesmo que não tenham essa representação em suas vidas, têm alguém que remeta a ela.

O azul, ali presente no globo terrestre, representa a fé, a espiritualidade, o contentamento, a lealdade, paz, tranquilidade, calma, estabilidade, harmonia, a unidade, confiança, conservadorismo, segurança, limpeza, ordem, céu... dentre outros aspectos, mas os que foram acima citados, remetem, em sua totalidade, a figura de Maria dentro dos ensinamentos católicos. Refletindo, desta forma, sua serenidade, lealdade e confiança nos propósitos divinos.

O branco, do manto remete ao aceite, á proteção, a mesura, pureza, humildade, inocência, à juventude e ao nascimento, dentre muitos outros, mas todas também referentes à qualidades desta mulher na Bíblia e principalmente ao aceite de Nossa

Senhora ao Anjo Gabriel, a que a invocação faz referência.

Fotografia 17 - Monumento de Nossa Senhora de Loreto.



Autoria: José Carlos Viera, 2021. Fonte: Site da FAB.

Já o prata, presente no globo remete à riqueza e à elegância e o ouro, em detalhes nas vestes, à riqueza, prosperidade e grandeza. Segundo a fé católica tradicional, Maria seria a rainha dos céus, a maior dentre todas as mulheres.

Já o vermelho, visto no interior do coração nas representações italiana e monumental brasileira, remete ao episódio da paixão de Cristo, uma vez que esta tonalidade representa a paixão, o amor, o sangue e a violência, aspectos que podem ser observados no episódio.

As diferenças observadas em cada modelo podem ser consideradas como aspectos culturais de cada país e seus contextos de produção. Três são policromadas, enquanto a Portuguesa é cromada com detalhes em ouro, tendo como base o Cedro de Líbano, passando uma atmosfera mais condizente com o desejo de fíeis para a Igreja. Já a do Santuário possui cores condizentes com a decoração escolhida para a Igreja, se aproximando ao modelo representativo português visto nos quadros.

As imagens que mais se aproximam são a italiana e a monumental brasileira, pois, como visto anteriormente, a monumental é baseada na Madonna Peregrina, sendo que a versão de argila não possui traços de ouro e é pintada. Como foi um presente da Força Aérea Brasileira/FAB, esta também está atrelada a uma asa de avião com insígneas da FAB, feita de ferro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As festividades cristãs, como pôde ser observado anteriormente no primeiro capítulo, possuem, intrinsecamente, uma espécie de modelo, sendo, na maioria das vezes, financiadas pela própria comunidade de fiéis daquele santo, costumam se reverter em retorno financeiro para os próprios usufruintes daquele evento. Além disso, possuem músicas, bazares e comidas típicas, mas sem nunca se afastar de seu objetivo principal, que é homenagear e agradecer ao santo, por meio de sua imagem.

As representações daquele santo – seja pela escultura ou por vestes – são celebradas e carregadas em procissões, coroadas e celebradas em seu todo.

São os momentos do ano em que o catolicismo popular encontra, em parte, o catolicismo eclesiástico, com seus ritos, novenas e missas solenes, mas, em se tratando de festividades, o popular, com suas tradições, se sobrepõe ao erudito.

Para uma festividade acontecer, no entanto, ela precisa de uma comunidade unida e que saiba, por tradição ou observação, como tratar uma imagem e que esteja disposta a perpetuar a tradição e este tratamento.

Na festividade de Nossa Senhora de Loreto, assim como nas supracitadas, estes são aspectos que ocorrem organicamente, uma vez que a comunidade, em sua grande maioria, já cresceu com este costume.

Já no segundo capítulo, vê-se a circulação de uma devoção, à Nossa Senhora de Loreto, a partir de um desejo dos encomendantes, que são parte de uma comunidade que une seus esforços financeiros para gerar algo positivo para o entorno e ainda homenagearem uma devoção já existente no meio popular. Mais uma vez, demonstrando que o catolicismo popular fortalece o catolicismo eclesiástico, sendo os dois interdependentes, uma vez que as festividades podem servir para trazer outros indivíduos para a Igreja que a festeja, ou aproximá-los da fé católica.

Outro ponto a ser observado é a circulação e esse trânsito de modelos iconográficos cristãos. Por mais que esses modelos sejam regidos por Tratados provenientes do Concílio de Trento (Miranda e Araújo, 2023) e decididos por meio de direcionamentos canônicos, é ali nítida a ação do artista – que em nenhum dos modelos pôde ser identificado – que, a partir de sua subjetividade, aliada aos modelos e desejos dos encomendantes, garantem imagens tão diferentes entre si, mas

similares o suficiente para serem reconhecidas por alguém que esteja familiarizado com uma das esculturas, ou com a lenda, proteções ou atributos de Nossa Senhora de Loreto, uma invocação ainda pouco conhecida.

Não pode ser ignorado ainda que as festividades são feitas pela própria comunidade de uma paróquia, sendo retrato, então, de uma parcela de fiéis que se mantém ativa. Como o grupo de fiéis de uma Paróquia – principalmente a do Loreto, com vários movimentos de catequização e entrada na religião – está sempre se renovando, então por mais que a festividade tenha um saber-fazer quase que rotineiro, a festa nunca se repete. Nela tradições se mantêm, mas também tem em si um caráter renovador, já que com a acolhida constante de novos participantes, surgem novas formas de executá-las.

Com relação aos desafios que esta dissertação me proporcionou, o primeiro deles foi a questão documental relativa à igreja no Brasil. Por ela ter sofrido um incêndio, a documentação se tornou esparsa e escassa, o que fez com que fontes bibliográficas tenham sido minha principal forma de pesquisa nestes casos.

A busca por uma gravura ou reprodução da obra-mãe (o quadro) no Arquivo Nacional foi praticamente ineficaz neste sentido, já que em nenhuma das fontes pesquisadas consegui o que estava procurando.

O segundo foi: como trabalhar com dois santuários internacionais, sendo que a visita, pelo menos até o fim dessa dissertação, não é uma realidade possível. Mais uma vez recorri a fontes bibliográficas, imagens e vídeos sobre os locais, o que me ajudou a entender a realidade em que as imagens estavam inseridas.

O terceiro, e mais complexo, foi separar a Thamires fiel da pesquisadora, atingido a partir de um distanciamento da Igreja de Nossa Senhora de Loreto como “Casa” e um olhar mais frio, porém igualmente amável para Loreto enquanto objeto de pesquisa.

Por fim, deixo aqui alguns questionamentos, que ainda estão em aberto.

- 1- Considerando que todas as três Igrejas lauretanas sofreram com incêndios, como a questão desta perda documental afeta o estudo iconográfico cristão dentro da História da Arte?
- 2- A questão da autoria das imagens nos retábulos do altar-mor poderá ser identificada em algum momento?

E um último ponto específico da imaginária lauretana, que pretendo investigar mais:

3- Até que ponto a memória dos fiéis afetou a representação - supostamente copiadas - das imagens ali presentes, após o incêndio?

REFERÊNCIAS

ALESSANDRINI, Nunziatella. A antiga igreja de Nossa Senhora de Loreto da nação italiana em Lisboa (1518 - 1651): Dados arquivísticos e algumas hipóteses sobre o edifício de Filippo Terzzi. **Revista do Instituto de História da Arte**, n. 11, p. 51-67, 2014. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/16903>. Acesso em: 17 set. 2024

ALESSANDRINI, Nunziatella. Italianos em bairros de Lisboa (século XVII). **Cadernos do Arquivo Municipal**, Lisboa, v.ser2, n.3, p.109-125, jun. 2015. Disponível em: http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2183-31762015000100006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 25 maio 2024.

ALESSANDRINI, Nunziatella. A “Igreja dos italianos no coração de Lisboa”. Get Lisbon convida. *Arquitectura, História*. 9 Feb. 2024. Disponível em: <https://getlisbon.com/pt/getlisbon-convida-pt/igreja-dos-italianos/> Acesso em 27 Nov. 2024

ARAÚJO, Mariza Silva de. MIRANDA, Alyne César Marinho. Imagens e escritos nas mudanças da Contrarreforma católica na arte ocidental: Uma leitura possível. **Revista Cordis**. História e Arte. São Paulo, v. 2, n 30, p. 73-85, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/64437/43612>. Acesso em: 26 dez. 2024.

BÍBLIA. A.T. Gênesis. Português. Bíblia Sagrada. Bíblia online Almeida Corrigida Fiel 1994. Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/1/26>. Acesso em: 07 jan. 2025.

BÍBLIA. A.T. Êxodo. Português. Bíblia Sagrada. Bíblia online Salve Rainha. 2019. Disponível em: https://salvaimerainha.org.br/bibliaonline/?utm_source=google&utm_medium=grants.acnsf.1&utm_campaign=biblia.online.pc.c&gad_source=1&gclid=CjwKCAiA3ZC6BhBaEiwAeqfvyts0wMI24SJGQbcv_VCPLcw15KwNotc_3VuIGme6w4X-687TA60IAh0CsGAQAvD_BwE . Acesso em: 25 nov. 2024.

BOING, Mafalda Pereira. **Nossa Senhora de Loreto e a Santa Casa**. São Paulo: Edições Loyola, 2017. 88 p.

BRULON SOARES, B. Carnaval e carnavalização: algumas considerações sobre ritos e identidades. **Desigualdade & Diversidade** Revista de Ciências Sociais PUCRio, n. 9, p.127-148, ago./dez. 2011. Disponível em: <https://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/media/artigo10.pdf>. Acesso em: 02 dez. 2022.

CATÃO, Beatriz. O episcopado e as festas na cidade do Rio de Janeiro no século XVIII: O veto aos batuques. **Revista História UNISINOS**, v. 24, n. 3, p. 473-487, 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/hist.2020.243.11/60747964>.

Acesso em: 14 dez. 2024

CHEVALIER, Jean; GUERBRANT, Alan. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 27. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/94000413/DICION%C3%81RIO_DE_S%C3%8DMBOLOS. Acesso em: 2 nov. 2024.

CHIANCA, Luciana. Devoção e diversão: expressões contemporâneas de santos católicos. **Revista Antropológicas**, v. 18, n. 11, p. 49-74, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/download/23701/19357>. Acesso em: 30 nov. 2024.

DEHORIANA. A encarnação: acontecimento trinitário. 2019. Disponível em: <https://dehoniana.edu.br/wp-content/uploads/2019/10/Cristologia-5-aula.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2024.

DESCONHECIDO. Festas. Michaelis Online (dicionário). Uol. Editora Melhoramentos. Online. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/festa/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

DESCONHECIDO. Igreja do Loreto em Lisboa. Trip Advisor. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/Attraction_Review-g189158-d7378564-Reviews-Igreja_do_Loreto-Lisbon_Lisbon_District_Central_Portugal.html. Acesso em: 27 nov. 2024

DESCONHECIDO. Igreja Nossa Senhora de Loreto. Jornal do Commercio. Anunciados. 27 de novembro de 1930. Edição, 00283. P.11. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=364568_12&pesq=Prociss%C3%A3o%20nossa%20senhora%20de%20Loreto&hf=memoria.bn.gov.br.ap. Acesso em: set 2023

DESCONHECIDO. Matriz Nossa Senhora de Loreto. Jornal do Commercio. Anunciados. p.10.4 de agosto de 1930. Edição, 00186. Disponível em: https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReaderMobile.aspx?bib=364568_12&pesq=Prociss%C3%A3o%20nossa%20senhora%20de%20Loreto&hf=memoria.bn.gov. Acesso em: set. 2023

DI LORETO. Santuário Pontificio della Santa Casa. La Basilica e il palazzo apostólico. 2021. Disponível em: <https://www.santuarioloreto.va/it/storia/la-basilica-e-il-palazzo-apostolico.html>. Acesso em Nov. 2024.

FERREIRA, Maria Celeste. A formação da cidade do Rio de Janeiro na criação da Freguesia Rural de Irajá. 1664/7. In: ENCONTRO INTERNACIONAL; ENCONTRO DE HISTÓRIAS DA ANPUH, 18., 2018, Rio de Janeiro. **Anais Rio**: Histórias e Parcerias. Rio de Janeiro: ANPUH, 2018. p. 1-16. Disponível em: https://www.encontro2018.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1529627770_ARQUIVO_Artigo.MCF.Ampuh.2018.pdf. Acesso em: 30 nov. 2024

FLECK, Elena Cristina Deckmann, DILMAN, Mario. “A Vossa graça nos nossos sentimentos”: a devoção à Virgem como garantia da salvação das almas em um manual de devoção do século XVIII. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 32, n. 63, p. 83-118, 2012. Disponível em: <https://biblioteca.unisced.edu.mz/bitstream/123456789/1968/1/Historia%2C%20Cultura%20e%20Patrimonio.pdf>. Acesso em: 7 jan. 2025

FLETCHER. James Cooley. Kidder. Daniel Parish. **O Brasil e os brasileiros**: esboço histórico e descritivo. Rio de Janeiro: Companhia Editora Nacional, 1941. v. 2, 409 f. Disponível em: <http://brasilianadigital.com.br/obras/o-brasil-e-os-brasileiros-esboco-historico-e-descritivo-v2>. Acesso em: 7 jan. 2025.

FONSECA, Fábio. **Entre o Oriente e o Ocidente**: a construção da imagem de São Jorge. 2017. 230 f. il. Tese (Doutorado em Arte) - Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <http://icts.unb.br/jspui/handle/10482/23712>. Acesso em: 7 jan. 2025.

GALDAMES, Francisco Javier Müller. **Entre a cruz e a coroa**: a trajetória de Mons. Pizarro (1753-1830). 2007. 554 f. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007. Disponível em: https://www.historia.uff.br/stricto/teses/Dissert-2007_GALDAMES_Francisco_Javier_Muller-S.pdf. Acesso em: 6 jan. 2024.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Apicuri: Editora PUC-RIO, 2016. Disponível em: https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/HALL_Cultura_e_Representa%C3%A7%C3%A3o_-_2016.pdf. Acesso em: nov. 2024.

HELLER, Eva. **A psicologia das cores – como as cores afetam a emoção e a razão**. [S.l.]: Gustavo Gili GG Brasil, 2015. Disponível em: https://www.academia.edu/108878273/A_Psicologia_das_Cores_Eva_Heller. Acesso em: nov. 2024.

HENDERSON, James. **A history of the Brazil, comprising its geography, commerce, colonization, aboriginal inhabitants, etc.** London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1821. p. 65. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/518715>. Acesso em: 25 maio 2024.

IGREJA Nossa Senhora de Loreto. MALTA, Augusto. 1864-1957. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_iconografia/icon404110/icon1329289.jpg. Acesso em: 13 abr. 2023.

INSTAGRAM @NSLORETO. PASCOM. Disponível em: <https://www.instagram.com/nsloreto/>. Acesso em: 10 maio 2024

JESUS, Apostolos da Sagrada Face. As chagas das costas de Jesus. Wordpress. Sem data. Disponível em: <https://apostolosdasagradafacedejesus.com/as-chagas-das-costas-de-jesus/>. Acesso em: nov. 2024

LA CASA de la Virgen Maria, por Padre Ralf Prada - Mundo católico. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QihbOAxEJeU>. Acesso em: 20 out. 2024

LEITE, Serafim. **A história da Companhia de Jesus no Brasil: século XVI: O estabelecimento.** Tomo I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1948. Disponível em: <https://archive.org/details/leite-serafim-1938-historia-da-companhia-de-jesus-no-brasil-tomo-1>. Acesso em: 7 jan. 2025.

LÍGORIO, Santo Afonso Maria de. **As glórias de Maria.** Aparecida, SP: Editora Santuário, 2013. 337 p. Disponível em: <https://jovensdacruz.com.br/wp-content/uploads/2019/12/glorias-de-Maria-jovens-da-cruz.pdf>.

LIMA, Raquel dos Santos de Sousa. Sobre presença e representação nas imagens dos santos católicos: considerações a partir de um estudo sobre a devoção à Santa Rita. **Dossiê Materialidades do Sagrado • Relig. Soc.**, v. 35, n. 1, p.140-163, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/FkMwXtZCfPjRbD9hScRQNdM/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 26 dez. 2024.

MACHADO, Davi Prado. **A privatização da fé: capelas domésticas nas Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX.** 2019. v. 1. Tese (Doutorado em Arquitetura e urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, UFMG, Belo Horizonte, MG. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/30628>. Acesso em: 7 jan. 2024.

MARTINS, W. de S. Viajantes estrangeiros, letrados brasileiros e as festas religiosas no Rio de Janeiro: a visão civilizadora (c. 1800 – 1860). **Projeto História :Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 42, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10209>. Acesso em: 25 maio 2024.

MASSIMI, Marina. Devoção à Nossa Senhora de Loreto nas primeiras Cartas Anuas da Província do Paraguai: persuasão e elaboração a experiência. **Reflexão**, [S. l.], v. 47, 2022. DOI: 10.24220/2447- 6803v47e2022a6366. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/6366>. Acesso em: 28 maio 2024.

MENDES, Ediana Ferreira. Festas e procissões na Bahia Colonial (1640-1750). In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 25., 2009, Fortaleza. **Anais [...]**.Fortaleza: ANPUH, 2009. p. 1-8. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772190_f192ed6e49a26d469f7baf9444c0b32c.pdf. Acesso em: 25 maio 2024.

MIRANDA, G.I Mac Dowell dos Passos. **O Santuário Nacional de Nossa Senhora de Loreto: padroeira da aviação brasileira civil e militar.** 1. ed. Rio de Janeiro: Âmbito Cultural Edições, 1979.

MORENO, Tânia Maria. As festas e tradições do catolicismo brasileiro: participação das associações leigas nas festividades públicas e oficiais. **Revista Cordis. História e Arte**, São Paulo, v. 2, n. 30, p. 367-385, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/64457>. Acesso em: 7 jan. 2025.

O SANTUÁRIO de Loreto, na Italia, por José Carlos Vieira. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=qzD-oeglyto>>. Acesso em: 20 out. 2024

OLIVEIRA, Marcelo Leles Romarco de. ROMARCO Evanize Siveiro. Festejos do catolicismo tradicional no interior do Brasil. **Textos Escolhidos de Cultura e Arte Populares**, v. 1, n. 7, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/276329441_FESTEJOS_DO_CATOLICISMO_TRADICIONAL_NO_INTERIOR_DO_BRASIL. Acesso em: 22 out. 2024.

OLIVEIRA, Victor Luiz Alvares. A Zona Oeste colonial e os mapas de população de 1797: algumas considerações sobre lavradores partidistas e produção agrária de Jacarepaguá, Campo Grande e Guaratiba no século XVIII. **Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, n.10, p.233-258, 2016. Disponível em: http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e10_a13.pdf. Acesso em: out. 2024.

PAIVA, José Maria de. Transmitindo Cultura: A catequização dos índios no Brasil, 1549-1600. **Revista Diálogo Educacional**, PUC Paraná, v. 1, n. 2, p. 1-22, jul./dez. 2000. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/3469>. Acesso em: 6 jan. 2024.

PANOFISKY, Erwin. **Iconografia e Iconologia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007. Disponível em: https://exatas.ufpr.br/degraf_adrianavaz/wp-content/uploads/sites/17/2014/11/Iconografia-e-Iconologia_Significado-nas-artes-visuais.pdf. Acesso em: 10 set. 2024

PAULINO, Marta Raquel Dias. **Estudo e intervenção da pintura central da nave de Nossa Senhora do Loreto**. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar, 2019. Disponível em: <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/31477>. Acesso em: 07 jan. 2025.

RANGEL, Veruska Lima. MATOS, Larissa Bezerra de Souza. Neuroarquitetura e psicologia das cores: sensações e psicodinâmica no design de interiores. **Revista Geometria Gráfica**, v. 5, n. 1. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/geometriagrafica/article/view/252739>. Acesso em: 10 dez. 2025.

REGISTRO de Terras de Jacarepagua. 37p.s/d; Disponível em: https://www.amafreguesia.org/wp-content/uploads/2016/01/Terras_Colonizadores_Igreja_da_Pena_Loreto_Cultura_Cana_Banana_Ani_I.pdf. Acesso em: 04 nov. 2023.

REIS, Flaviano Pereira. As festas populares religiosas: abordagem espacial de uma manifestação cultural em Arara, estado da Paraíba. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. **Revista Geo UERJ**, ano 11, v. 3, n. 20, p. 168-186, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/1434>. Acesso em: 07 jan. 2025

ROCHA, Flávia. Padroeira dos aviadores ganha escultura em homenagem à força aérea brasileira. 11 abr. 2020. Disponível em: <https://www.fab.mil.br/noticias/mostra/35563/CENTEN%C3%A1RIO%20>

%20Padroeira%20dos%20Aviadores%20ganha%20escultura%20em%20homenagem%20da%20For%3%A7a%20A%3%A9rea%20Brasileira. Acesso em: 20 out. 2024

ROSENDAHL, Z. **O ritual da procissão sacralizando o espaço: a paisagem religiosa**. In: Uma procissão na geografia (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 387-401. ISBN 978-85-7511- 501-5. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/wy7ft/epub/rosendahl-9788575115015.epub>. Acesso em: 7 jan. 2025.

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo das imagens**: ensaios sobre a cultura visual na Idade Média. Tradução de José Rivair Macedo. Bauru, SP: Edusc, 2007. 382p.

SENRA, Alvaro de Oliveira. **Matizes do privado: a AEC e a defesa da educação escolar católica** (Brasil 1945-1994). 2007. 274 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade do Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/8332>. Acesso em: 10 set. 2024

SERRÃO, Vítor. A pintura antiga na igreja de Nossa Senhora do Loreto. In: ALESSANDRINI, Nunziatella; BARTOLOMEI, Teresa. **Chiesa di Nostra Signora di Loreto 1518- 2018**: una chiesa italiana in terra portoghese. Lisboa, Portugal. Fábrica da Igreja de Nossa Senhora do Loreto, 2018. p. 147-179. Disponível em: https://www.academia.edu/40767360/A_PINTURA_ANTIGA_NA_IGREJA_DE_NOSSA_SENHORA_DO_LORETO. Acesso em: 25 maio 2024

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=3153505&forceview=1>. Acesso em: 25 maio 2024.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias e milagres**: aspectos do catolicismo popular. IFRN, Natal, 2013. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1090/Festas%20Procissoes%20Romarias%20Milagres%20-%20Ebook.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 25 maio 2024

VENTURA FILHO, V.; PIRES, M. do C.; BOHRER, A. F. Irmandades, boa morte e o homem Barroco em duas freguesias de Vila Rica de Ouro Preto no século XVIII. **AEDOS**: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, v. 13, n. 30, p. 133-147, 2022. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/106617/66490>. Acesso em: 25 maio 2024

VIEIRA, Izabelle Fernanda Silveira. Jacarepaguá: uma cidade do interior cravada no imaginário de seus moradores. **Ponto Urbe**, São Paulo, Brasil, v. 24, p. 1-20, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/pontourbe/article/view/218918>. Acesso em: 25 maio 2024.

ANEXO A

Fotografia 18 - Vista de frente do Santuário de Loreto.



Autoria desconhecida. Fonte: www.santuarioloreto.va/it/

ANEXO B

Fotografia 19 - Vista de
Frente do altar-mor do
Santuário de Loreto, na Itália.



Autoria desconhecida. Fonte:
www.santuarioloreto.va/it/

ANEXO C

Fotografia 20 - Vista Aérea da Basílica de Loreto, na Itália.



Autoria: Desconhecida. Fonte: Parlando Di Italia.

ANEXO D

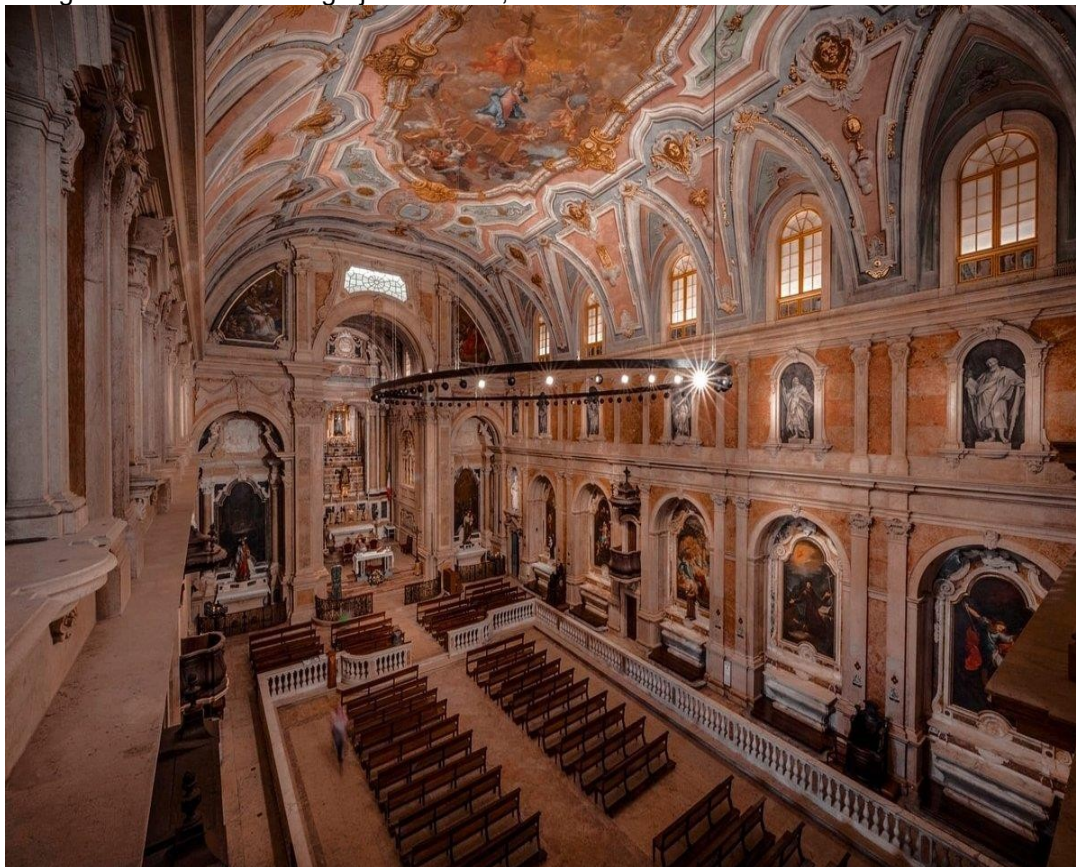
Fotografia 21 - Igreja do Loreto, Lisboa – Exterior.



Autoria Desconhecida. Fonte: Igreja do Loreto.pt,

ANEXO E

Fotografia 22 - Interior da Igreja do Loreto, em Lisboa.



Autoria desconhecida. Fonte: Trip advisor.

ANEXO F

Fotografia 23 -Vista do Altar-mor,greja do Loreto, Lisboa



Autoria: Nunziatella Alessandrini.

Fonte: Get Lisbon